

HISTÓRIAS DA BEIRA DO RIO

Índice

1. Padre Matias,

2. Dona Dalva,

3. Jasmins-do-líbano,

4. História de Seu Tomé Meu Pai e Minha Mãe Maria,

5. Irmãs,

6. Irmãos,

7. Maria Cândida,

Padre Matias,

1. Vinte anos antes

Ele a vê entrar sem esperar resposta às palmas ruidosas e ao grito de “ó de casa”, e não consegue reprimir um pensamento que se volta para o ontem... Houve tempo em que estiveram brigados de morte...

Brigados? Jurados.

Parece que foi na véspera, sim, parece, e entretanto faz mais de vinte anos! Dona Dalva (nunca deixara de usar o Dona ao falar nela) era moça e forte. A voz de mulher, fina, muito fina, quase esganiçada, mas alta e vibrante, desafiava o padre gritando poderosa na tarde de procissão quando ele mandara que as raparigas se retirassem do acompanhamento. Também era moço e, embora frágil de corpo, na magreza morena sob os cabelos caprichosos, forte de espírito. Ao protesto respondera no mesmo tom, ventania contra ventania, grito contra grito, na sua casa ninguém falava mais alto do que ele, e a procissão era coisa da igreja de Deus, sua casa.

Foi o começo da luta, só não a mais destemperada de sua vida toda porque se sucederam tantas... Não que fosse belicoso, dava um boi para não entrar na briga e ao contrário do ditado uma boiada para sair; mas antes quebrar que torcer quando estava com a razão. Não que fosse belicoso, mas gostava de ordem, exigia respeito, e amava a Deus sobre todas as coisas. Como era possível a pecadoras públicas fingirem, no préstito, uma crença religiosa que contrariavam com a prática diária do mal, desgraçando as famílias arrastando maridos e filhos e até mesmo pais para noites de violão, cachaça e carne?

Na verdade, agora, olhando de volta aquela tarde longe, mal

distinta no passado, tinha de confessar que perdera a cabeça. No fundo, porém, tivera razão, e não havia por que se arrepender. Era padre, mas humano; e o homem se exaltara para defender, no padre, a autoridade do sacerdote. Podia tolerar que Dona Dalva invocasse, aos gritos, contra ele, o nome de Cristo, e logo em favor das mulheres da zona?

2. Exame de consciência

Lembrava-se da angústia em que, depois da procissão, deixara a igreja. Ao chegar em casa, entretanto, o exame de consciência lhe tranqüilizara a alma. Não reagira para elas, contra elas, pobres criaturas, cuja vida só era alegre na fala do povo. Nelas combatia o vício geral tão geral quanto o vento noturno que, no meio da noite, banhava a cidade. Só que este outro pesteava... E queria ter uma cidade limpa.

3. Padre novo

Viera do seminário em São Luís quase sem intervalo para a paróquia, onde, depois de um quartel de século do padre velho, ainda lembrado na saudade de muitos _ tantos! _ nenhum sacerdote chegara a demorar mais de uns poucos meses, um ano, quando muito, todos arrastados para as brigas políticas locais. Viera com sede de justiça e gosto de pureza. E logo trouxera sua Mãe, a quem anunciara o ânimo viril de combater as amigações escandalosas, a

infalível descida noturna dos casados às pensões das raparigas, os concubinatos públicos que muitos, tantos, mantinham – de cabocla teúda e manteúda, – para vergonha embora nem sempre para reação das esposas, fracas por temperamento ou submissas por educação. E havia até as que catavam por aí os filhos do seu homem noutros ventres...

Padre Matias não se esquecia das lições do avô, que deixara o seminário para casar-se na véspera de tomar ordens e por isso mesmo falava com autoridade, ralhava benigno mas severo: “Pense bem antes de vestir a batina para sempre. O Maranhão e o Piauí, do Parnaíba às areias do mar e aos pomares da serra, do agreste aos brejos, chapada e sertão, campo e cidade, são tudo terras de padre amigado e metido até os olhos em política. Não são pastores de almas, mas de corpos. Ainda há de vir um senhor bispo piedoso e casto, que dá jeito nisso. Enquanto não vem... Se é para fazer como eles, não se ordene. Não jure a Deus para faltar o inferno existe e começa aqui mesmo na Terra.”

4. O Padre Mamede

O avô Mauricio, com a barba branca, um sinal no rosto que não o enfeava, conhecera ainda o famoso Padre Mamede, que alimentava malta de compadres para dissolver eleições, e numa delas, em plena Igreja Matriz, quando começara o barulho e o escrivão, querendo acalmar a rusga, gritara: “Haja paz!”, respondera com o brado: “Haja pau!”, e não tardou, como se o grito fosse uma senha, os miolos do tabelião rolavam nos tijolões largos, rebentado o crânio par achas de lenha, numa hedionda mistura de poeira, de sangue e de víscera. O avô repetia o que tantos contavam. Diziam

que o Padre Mamede fora tão belicoso que, roçando na praça pelo Juiz, indagara: “Me empurrou?”, para ouvir um: “Eu, Não! Nunca!”, e por sua vez retrucar: “Ainda bem, pois Mamede não leva um empurrão que Não dê um cachação...” Bebida? Mulheres? Esse padre briguento traçava sua cachaça, ostentava sua morena... E outros vigários viviam assim, faziam politicagem com violência e mentira. Uns mantinham escancaradamente moça dentro de casa, ou visitavam quase sem disfarce dama casada, muito amigos dos maridos...

5. A promessa e a ofensa

Prometera ao avô não se meter em política, ao avô e a Deus jurara guardar castidade. Sentia-se forte, preso na própria palavra como numa gaiola que o defendesse de si mesmo e do mundo. Dona Dalva não sabia quanto o ferira. Pior que nome de Mãe tentar amolecê-lo na luta contra o pecado! Era um soldado, um cavaleiro de armadura de prata, um São Jorge dentro da batina preta. Seu modelo, São Luís Gonzaga, olhava-o de uma estampa na parede. Doía tanto ver-se mal julgado!

6. Tudo acaba bem

Mas jamais contratara capangas e marcara hora para Dona Dalva se arrepender publicamente de joelhos na igreja, se não o fizesse seria morta onde se encontrasse.

Dizer, diziam, mas era mentira; e muita intriga se teceu naqueles tempos.

A ele foram contar que o Coronel Felismino oferecera arma a Dona Dalva, arma ou braço, é ele ou a senhora, se não matar o padre às oito ele mata a senhora às dez, e mais que até convocara, como grão-mestre, uma reunião da Maçonaria, abrira a sessão, nos segredos do sótão da loja Fraternidade Segunda, com o comunicado de que chegara afinal o dia, sempre tivera vontade de ver se coroa de padre riscada com bala sai uma auréola, uma luz de martírio como se vê nas estampas, nos santinhos que as beatas e os meninos do catecismo trocavam, grifava o verbo, eufemismo hipócrita e comercial, trocar estava aí por vender.

Tudo acabara bem por intervenção do primeiro marido de Dona Dalva, Álvaro, um santo.

Álvaro veio ajeitando aqui e ali, um por um, e logo no jantar do casamento, sentado a seu lado, o Coronel Felismino negara as feias conversas: calúnia pura, essa gente não tem mais o que fazer, precisava visitar a loja, briga da Maçonaria e da Igreja era coisa do século passado.

7. Dona Violeta, aliás, Sinhá Morena

Meses depois Dona Violeta, por apelido Sinhá Morena, com seu jeito magro, meigo e modesto, viera tomar conta da casa do Padre, e lhe tirara o gosto de discutir com Dona Dalva. Gritava sempre, mantinha a autoridade, mas as duas eram amigas, e Dona Dalva foi das poucas que continuaram a tratá-la com o mesmo afeto, o mesmo carinho, não a de passar a chamá-la de “Dona Violeta”, ou “Dona Morena”, carregando no Dona. Gostara disso em silêncio.

8. Pobre Morena

Pobre Morena... Quanto sofrera por sua causa! O povo fala à toa... E ela humilde e humilhada, cabeça baixa, sem uma só palavra de queixa! Tinha uma alegria: sua Mãe, Dona Mocinha, que contrastava com ele por ser tão gorda, tão baixa e tão branca quanto era magro, alto e moreno, requintava nos agrados, ignorava a maledicência dos filhos da Candinha. Entre as duas casas a dele e a de Dona Mocinha, de um lado e outro do Largo da Matriz _ estabelecera-se um tráfico intenso de bandejas com panos bordados, canjicas com boas palavras desenhadas em canela, pudins, bons-bocados. A amizade das duas mulheres florescia em doçura. Mas não silenciava as más línguas.

9. Em defesa da religião

Quanto a ele, tinha gênio, nunca negara. Mas acima de tudo era a religião que defendia, para isso se fizera sacerdote, fora ungido.

Era o dever, o seu dever, dele, que cumpria doesse a quem doesse, e acima de todos os mal-entendidos.

Quando proibira a coroação do Imperador e da Imperatriz do Divino dentro da igreja, fora por esse amor a Deus sobre todas as coisas. Pois pode haver outro rei na presença de Deus senão Jesus Cristo, Rei dos Reis? E Imperador e Imperatriz? Na presença do Santíssimo? Mesmo velado, o Santíssimo velava, e com esse trocadilho que ainda agora lhe trazia à cara um sorriso involuntário ex-

pulsara as caixeiros, e os coroados, e os festeiros, pajens, mordomos, generais. “Nas suas casas, nas suas casas, gentinha! Não na casa de Deus! Vendilhões!”

10. A briga dos Congados

Não passou muito tempo e a questão se repetiu com as congadas. Rei e Rainha do Congo, não a tinha a ver com isso, até achava graça, e só não concorria com dinheiro para os brincantes porque muita cachaça corria e muita moça donzela achava perdição nas danças, com os favorecimentos da escuridão. Mas Rei e Rainha na igreja? Isso nunca! E pobre, que mal podia comprar sapato para os meninos virem ao catecismo, se juntando para dourar coroa e vestir cetim de príncipe? Não era desperdício? E o racismo, então? Pelo avesso, mas racismo... Só preto podia entrar; e no prestígio da festa a gente de cor andava muito levantada. Proibiu, proibiu: na igreja, nunca! e, quando sentiu a resistência, ameaçou, foi preciso. O Delegado Teófilo manteve a ordem. Condescendeu em conversar com o Mundiquinho, poeta e músico, protetor da negrada por amor ao folclore, que gemia como se fosse sua própria família: “Minha gente!” E argumentava: “É costume imemorable! Foi sempre coisa da Igreja, promovida pelos próprios padres!” Respondeu que fora desabafo de escravos, agora, que eram livres, não se justificava mais. Sobretudo o que não admitia era dança e coroação na igreja. E a fim de provar que não era reacionário interveio para soltar os brincantes, presos, alias, não pela realização da congada mas por muita cantoria até o amanhecer, perturbando o sossego publico, cortando silêncio com fogueira acesa, baião noite adentro, cachaça soltando língua, puxando faca, amarrando camisa nas brigas de dois.

11. Caso da moça fugida ou da branca com o preto

Sua autoridade cresceu e se impôs quando Maria Cândida, filha do Coronel Felismino, fugiu para casar com o alfaiate e professor primário José Honório, por sinal presidente da Irmandade do Rosário.

Não teve dúvida: recusou-se a juntar mão preta, rude e pobre, com aquela outra, branca, delicada e rica, sob a estola da bênção sacerdotal.

Explicou a José Honório: “É para seu bem. Cada dia que for passando a diferença vai aumentar. E pode ser apenas mais um dos caprichos de moça rica, só que desta vez o pai não cedeu...”

Ele baixou a cabeça, humilde de seu natural, mas ela interpe-
lou Padre Matias na porta da igreja, justo na saída da missa:

Quantas ovelhas meu pai lhe mandou de presente para você negar meu direito cristão de casar com o homem de quem gosto, e que gosta de mim?

Ficou pasmo com o desaforo, o tratamento de “você”, a acusação de suborno, gritou com ela, mas, habituada a ver todas as vontades, maiores e menores, satisfeitas, possuída, ao mesmo tempo, dos pecados mortais do orgulho e da ira, Maria Cândida reagiu e o amaldiçoou no adro do seu próprio templo:

—Deus lhe dará morte ruim, e não no colo de Dona Mocinha ou nos braços de Dona Morena. Mil ovelhas de meu pai lhe atravessarão pela goela num rebanho só e rasgarão a garganta que humilhou um pobre de Deus, e tentou tomar dele o que dele já era

perante Nossa Senhora do Rosário...

E ainda riu, a desavergonhada, a excomungada, a possessa, riu caluniando: “Quando é que o padre faz o juramento na Maçonaria? Padre maçom!... A loja tem reunião hoje, meu Pai já convocou o Dr. Ebenezzer vai discutir o preço da sentença. Meu Pai pensa que para comprar o Juiz basta ovelha, como fez com o Padre, mas esse outro quer vaca turina e touro zebu.”.

Pura calúnia para incriminar de corrupta a Justiça, que não se deixou intimidar. Daí a uma semana, o Juiz de Direito Doutor Ebenezzer Cordeiro de Sousa Valente pronunciou, nos autos, uma formosa e erudita sentença sobre a diferença étnica como impedimento para o matrimônio civil, logo transcrita em revistas especializadas e mais tarde incluída em livro, muito apreciado nos círculos jurídicos do país inteiro, e onde, entretanto, não se mencionava a condição ebenezzeriana de secretário adjunto da Loja Maçônica Fraternidade Segunda de São José das Cajazeiras, nem se jurava suspeição por compadrio ou amizade com o pai da moça. O Delegado autuou por desacato os dois amásios, a moça e o sedutor: amásios, essa era agora a condição deles, simples amigos, Padre Matias a proclamava sem hesitar, pouco importavam os insultos de Maria Cândida. Dolorosamente, o Coronel Felismino lhe dava razão, chorava de ódio da filha e do sedutor. E só depois de muito pedir foi que a fraqueza maternal de Dona Lindinalva Cunha obteve que Padre Matias fechasse os olhos ao desaparecimento do par de namorados, recolhidos, por motivos de segurança, à cadeia pública, por ordem do Juiz. A fuga foi insinuada com malícia e permitida com habilidade, para evitar reações maiores de Maria Cândida, que subornou a guarda sem saber que o fazia desnecessariamente. Padre Matias, consultado, relutou um pouco em consentir porque estava envolvida no caso sua autoridade, o desaforo todo lhe doía, e ainda mais do que ele a referência simultânea de Maria Cândida a Dona

Mocinha e a Dona Morena. Terminou por atender, ao mesmo tempo fazia favor — e grande — à fazendeira, abalada e enternecida com a desgraça da filha sem poder confessá-lo por medo do marido, castigava o casal multando-o em maquia grossa, e se livrava de um problema: o promotor estava encontrando (ou criando?) dificuldades para enquadrar a ofensa na Lei de Segurança, a autoridade eclesiástica não era protegida no seu decoro civil. Somava-se a tudo que aquela moça não era para brincadeiras, ele a sabia a afilhada predileta de Dona Dalva.

12. Atividades proselitistas de Dona Dalva

Dona Dalva... Essa Dalva de então! Pois não foi de casa em casa pedindo apoio para um abaixo-assinado contra ele quando proibiu as irmãs Maria do Carmo e Carmo de Maria, gêmeas e mulatas, de cantar no coro da novena de maio? Não por gêmeas, é claro, nem também por mulatas, embora A Cidade, do velho Beja Moura, houvesse insinuado que lhe deviam aplicar a Lei Afonso Arinos. Achava muito escandalosos os namoros diurnos e, sobretudo, noturnos das duas, seus vestidos com os braços de fora, os vales tumidos estourando peitos, as saias acima do meio da canela. Tirou-lhes as fitas de Filha de Maria. Industriadas por Dalva, foram ao Jornalista, que morava numa chácara fora da cidade. E Não tardou pediram assembléia da Pia União e outras irmandades, inclusive o Apostolado da Oração, onde Dona Mocinha era zeladora.

Debalde sua Mãe tentou coibir a revolta, açulada por Dona Dalva com apoio do jornal. Os símbolos vermelhos _ as fitas das beatas zeladoras _ se juntaram aos outros, azuis, as fitas das Filhas de Maria, já acumulados a seus pés.

Reagiu: era de novo uma questão de autoridade.

Proibiu às duas expulsas, simples engomadeiras, aliás mais para escurinhas que para mulatas, a entrada na igreja. Dona Dalva subverteu os espíritos, ela que fazia lavar toda a roupa e passar a ferro em casa, sem pagar ordenado, pelas mãos de outras escurinhas, descendentes dos antigos escravos da família, e nem católica era! Ela que mandara buscar médium milagreiro para sessões espíritas! Pois Padre Matias teve de rezar a novena, ladainha e terço, para a nave deserta, apenas — além de Morena e sua Mãe, esta claro — o sacristão e a beata Narcisa, o resto eram bancos vazios.

E o pior foi no domingo: a estudantada quebrou o coreto do leilão e impediu a entrada da missa: “Ou entram todos ou não entra ninguém.” As gêmeas, meio espantadas, relutantes, eram empurradas pela multidão. Subversivos! Hereges! Nunca iam à missa, e se iam ficavam namorando, de olho nas moças e não no padre, debaixo das arcadas, e agora... O Delegado Teófilo teve de acudir, tiros para o ar, correrias, e o pior é que em casa Dona Morena chorava muito. Dona Mocinha, porém, tinha o ânimo levantado, como se em vez de lhe caírem no colo as lágrimas sumissem por ele adentro, pelo lado de dentro.

13. Guerras de religião

No dia seguinte, em venenoso artigo de fundo, “Guerras de Religião”, o velho Beja Moura sustentava que lhe faltava equanimidade para pastor de almas, embora admitisse que lhe sobravam qualidades fortes de chefe político, tanto que — acentuava com evidente malícia — aliciara o apoio da Maçonaria, caso único no

país! E lembrava sua tentativa de embarcar à força em canoa o Irmão Aquiles, esquecido de que esse insensato missionário protestante fora repudiado não por ele mas pela cidade inteira, pois ousara contestar a virgindade de Nossa Senhora e pôr em dúvida o dogma da Imaculada Conceição. Mas não chegara a haver punição. O tal de Aquiles ainda ensaiara a farsa do embarque forçado a desoras, tudo não passara de fingimento, os que acorreram aos gritos não acharam gente ou machucadela. E a prova de que a repulsa era geral é que, logo mais, o homem desaparecera voluntariamente, de um dia para outro, e viera substituí-lo o sapateiro Miguel, simples e cordato, que desistira de agitar as almas e vivia em boa paz com toda a gente, até já erguera seu Templo de Deus, onde aos domingos cantava o culto evangélico (mas isso o velho Beja Moura omitia). Noutra passo o editorial invocava de novo a Lei Afonso Arinos, e não só contra ele mas até contra o Coronel, acusado de racista e tirano doméstico, que tentara impedir a felicidade da filha. E contra o Juiz! O que não dizia o velho Beja do próprio Juiz de Direito da Comarca! Que suas sentenças eram tanto mais longas, formosas e eruditas quanto menos razão tinha, apenas descendo os livros da biblioteca, aliás muitos e bem lidos, na proporção direta dos empenhos e inversa dos direitos. “É até capaz de dar uma sentença justa, em duas páginas límpidas, concisas, irretorquíveis, quando não há grandes interesses em jogo. Fora daí, vê tudo negro; e para ele como na quadra popular _ negro não tem ceroula, negro não tem chapéu, negro urubu não come, negro não vai pro Céu. Esse Juiz precisa de outro maior que lhe aplique a Lei Afonso Arinos...” Escrever isso da autoridade judiciária, insultar no amor de pai o Coronel!... Era um desafio de louco, dar murro em ponta de faca, pior: beijo em cano de espingarda.

14. Piaus com leite de coco

À noite Padre Matias estava jantando, jantar simples, uns piaus com leite de coco, amargando ainda o desaforo do artigo, quando vieram avisar que tinham tocado fogo no prédio da Cidade, empastelado a tipografia, uma loucura, os bombeiros sem água, os soldados poucos, impotentes, uns cinqüenta cangaceiros bem armados contra cinco praças sem comondo, atoleimados. Seriam coisas do Coronel Felismino, mas quem deixaria de ver naquilo sua mão? Decidiu-se ali mesmo, em cima da hora, a viajar para o Rio, passando antes em São Luis. Mandou chamar o Delegado, o Juiz, o Coronel Felismino. No ponto a que chegaram as coisas dava melhor prova de isenção se afastando. Não por covardia, isso nunca. Mas oferecia tempo a que as paixões esfriassem. O Coronel concordou:

— É melhor, Padre Matias. Isto _ com perdão da palavra _ não é para gente de saia.

Sua Mãe preferiu ficar. Morena disse logo que o acompanharia, de cabeça alta, mas sempre magra, sempre meiga, sempre modesta.

15. Pedrada de menino

Antes de partir, decretou a intervenção nas irmandades. Sabia que as diretorias depostas reagiriam, mas confiava no senso jurídico do Doutor Ebenezer para lhe definir e defender a condição de fabricante da paróquia e guardião dos bens dos pobres. No em-

barque (o dia era de sol) sobreveio um pequeno desgosto: o menino Lucas, filho temporão do velho Beja, atirou uma pedra no cortejo. Dona Morena e Dona Mocinha, sempre atentas, empurraram o Padre, o calhau pontiagudo resvalou e apenas rasgou a batina velha. Mandou soltar o moleque, que, na raiva dos dez anos e na impotência de se ver preso, atirava pontapés e gritava palavrões imprevidos em boca de branco tão novo. Não deixou que lhe raspassem a cabeça. Compreendia a revolta do menino, que vira o incêndio da Cidade e participara da tentativa inútil de apagá-lo.

Demorou-se em São Luís mais do que esperava, até que encontrou padre novo, saindo do Seminário, o Padre Frederico, frágil asceta sorridente, que aceitou a interinidade da paróquia por um ano. Vendeu um terreno no Caminho Grande, comprado ainda quando seminarista, para custear a viagem, que decidira estender a Portugal (Fátima), Lourdes e Roma.

E seguiu mais tranqüilo, em busca de peregrinação total. Precisava aquietar o coração, que o condenava, atribuindo-lhe covardia. Mas argumentava Consigo mesmo que era antes a caridade cristã que o levava, e dava sinal de inocência deixando que as acusações campeassem soltas na sua ausência. Não Se sabia quem mandara tocar fogo na Cidade e empastelar as oficinas. Falavam em soldado à paisana, Vaqueiros conhecidos, até presos mandados na missão com promessa de indulto ou fuga. Mas ele não fora! Pedira rigor no inquérito.

16. Vigário colado

Parece que o Senador falou por ele ao Presidente, o Presiden-

te ao Cardeal, o Cardeal ao Bispo. O certo é que voltou, e voltou vigário colado.

Era outro. Um ano! Um ano todo de ausência, sabiamente entremeada de cartões-postais para todos. Encontrou a cidade pacificada. Artes santas do Padre Frederico. Mas ele também se aquietara. Ou parecera aquietar-se. Que aquilo dentro dele era como fogo no cuim. Parece apagado, nem fumaça, mete-se o pé, é um incêndio lá por baixo de arrasar casa. Casa? Quarteirão.

17. Um grande governo

Vieram anos — tantos! — operosos e capazes, os inimigos (poucos) que restaram, os duros, que a correspondência ilustrada através do oceano não tocara, foram tendo de reconhecer os frutos do trabalho incansável, embora estivessem apontando também sempre — sempre! — motivos menores nos seus atos. Criou o litro-de-leite para as crianças pobres (mas ora diziam que o fizera para garantir mercado ao excesso de produção do Coronel Felismino e demais fazendeiros, ora que a matrícula era dada não pela condição de pobreza porém como favor a quem apoiava a “política do Padre”). Abriu estradas de produção para escoamento do babaçu e do arroz (mas lá vinha a acusação quanto aos caprichos do traçado, como se não fosse principalmente econômico seu objetivo, batendo, portanto, às portas dos que mais produziam, e passou até a vir caminhão do Recife !). Construiu novo prédio para a Intendência (achavam que desnecessariamente, apenas para pagar o projeto ao arquiteto, sobrinho de Morena, como se não fosse moço premiado no Rio). Ergueu o Estádio Municipal (mas se queixavam de que melhor fora ter mais escolas, ao que o povo respondeu aclamando-

o de pé na tarde da inauguração).

Madrugadas, manhãs, tardes, noites, ele as enfiava uma depois da outra como um rosário, cada uma diferente mas todas divididas entre a atividade e uma certa mágoa, o velho Beja não voltara a tirar A Cidade mas se mantinha inabordável, sobretudo depois que perdera, por um erro processual, a ação de indenização de dano à tipografia: não confiara na Justiça do Dr. Ebenezer, propusera a questão diretamente no tribunal, que achou ser caso do juiz singular. Sem recursos para reabrir a folha, o jornalista tentou imprimi-la em casca de cajá. Repetia: jornal, no nosso tempo cruel, para independe do Poder e do Dinheiro, tem de voltar à casca de cajá!” Mas não era artesanato fácil: terminou por pregar a gazeta manuscrita na porta de casa. Havia sempre quem lesse. Era, ainda assim, muito pouco para oposição que contasse; e além dela não havia outra. Padre Matias mandava sem contraste.

18. A universalidade da garapa

Tinha agora imprevisíveis acessos de bom humor. Ria, às vezes, sozinho. Às vezes estourava na gargalhada ou esboçava, na boca torta, um sinal de sarcasmo ou, em dias cordiais, de ironia. Usava língua do povo, suas comparações e imagens, os ditados em que entravam bichos. Punha apelidos nos poucos adversários. Contava e ouvia anedotas picantes, rindo alto: “Deus esta em toda a parte, mas não para ouvir o riso dos homens.” Sentava-se na cadeira de balanço, fumando seu cigarrinho numa piteira de arame, relendo seus clássicos, inclusive o Bocage e o Padre José Agostinho de Macedo, comprado em Lisboa.

Na hora do almoço o Zé Garapeiro apareceu, queixando-se das coisas difíceis, o pessoal se bandeando para as coca-colas e os sorvetes pré-fabricados, nem arranjava o cobre para pagar a serpentina frigorificadora (a fala do caboclo se enrolava na timidez e na palavra difícil). Vai daí pediu cem mil cruzeiros emprestados. Padre Matias negou: “Cem mil cruzeiros não tenho, e se tivesse, você não ia conseguir pagar com rolete e caldo de cana. Terminava passando calote e ficando meu inimigo.” Logo o canto da boca do lado esquerdo acendeu o sinal do riso contido: “Mas vou dar um jeito de melhorar a situação. Espere aí.” Mandou chamar o Prefeito, sugeriu incluir garapa na merenda escolar.

“Parece boa idéia”... “E é coisa pra já, Totonho. Tem de ser logo, antes das férias. Quem vai se opor? Caldo de cana é bem nosso. Ajudamos o Zé, nosso amigo e cabo eleitoral dos bons, dos fiéis, e damos uma lição de nacionalismo sadio nessa gente vendida ao estrangeiro”...

19. Cajazinha, murici, carne-de-sol e queijo de coalho.

Um pouco de tamarindo.

Totonho ia saindo, chamou:

— Inclua também cajazinha e murici. Agradamos ao pessoal das bancas do mercado. E para proteínas carne-de-sol e queijo de coalho, mas sem dispensar o leite do Coronel, que é compromisso de contrato. Vai ser a mais brasileira e mais farta merenda escolar do Maranhão!

— Do Brasil, Padre Matias, do Brasil...

— Do Brasil não sei, aquele pessoal de São Paulo é muito rico. Mas que será completa, será. Talvez valha mesmo apenas incluir um pouco de tamarindo no fim da tarde, com gelo fornecido pelo próprio Zeca. Tamarindo (riu) é sempre bom. Para a alma, castigando os que erram, obra de misericórdia; para o corpo, limpando-o de impurezas Como cipó, por fora, sob a forma de surra, impõe a disciplina nos casos extremos, que nem a palmatória resolve; e tomado todo dia sem exagero impede a prisão de ventre, que os sábios ingleses já descobriram ser a causa principal dos males corporais.

20. Se padre casar...

Frequentemente discutia a necessidade de substituir a batina pelo clergyman. Por que padre devia continuar com uma roupa medieval, quente, negra (sempre que podia usava veste de linho cinzento), que o expunha ao ridículo andrógino? Mas nunca falava em casamento de padre.

Antes ria:

— Se padre casar vai querer, depois, o divórcio...

Uma vez explicou ao Senador que, de passagem pelo aeroporto e arriscando a pilhéria, falou no assunto com um piscar de olho, um dos seus ditados sertanejos:

— O senhor está enganado como essa gente toda. Como todo cristão sou obrigado ao mandamento da castidade. Mas o voto que fiz foi o do celibato, o voto dos padres seculares. Como qualquer homem posso pecar contra a pureza, me arrependo, me

confesso a Deus, faço ato de contrição, me penitencio, tomo a cair, a pecar, sou humano. O senhor, que é muito mais culto do que essa gente pensa, sabe que o angelismo é condenado pela Igreja. Voto de castidade é para os jesuítas, os beneditinos, os franciscanos, as ordens. Minha obrigação é o celibato, enquanto Roma não mudar os cânones.

O tempo, não os trabalhos nem os desgostos, lhe trouxe a primeira vaga mancha de cabelo grisalho.

21. Devoto dos Sagrados Corações

Continuava devoto do Coração de Jesus, do Coração de Maria. Eram as estampas que distribuía aos meninos que não diziam palavrão no jogo de bola, na pelada do fim das tardes, no Largo da Matriz.

Dona Mocinha, muito beata, sempre gorda, como se tivesse uma bandeja branca sustentando o colo do lado de dentro, envelhecia docemente, e mansamente governava agora as irmandades, desde a Pia União ao Apostolado da Oração. Todos gostavam dela. Mas o caminho certo para o coração do Padre Matias continuava a ser Dona Morena, que nem um vestido ao menos que fosse trouxera da Europa, continuava com as chitinhas escuras de sempre, as mais das vezes em uso preto de colarinho branco, tudo muito modesto.

Padre Matias passara a dormir depois do almoço.

22. A volta de Dona Dalva

Dona Dalva voltou à vila e à intimidade da casa e do vigário. Foi por esse tempo que ele a viu entrar com aquele “ó de casa”, lembrou o passado. E quando realmente começa esta história — com o regresso de Dona Dalva à varanda do jantar.

Fez-lhe o terceiro casamento. Conhecia Raimundo Julio de umas questões de terra, quando o moço batera à sua porta porque carecia que o Padre desse uma palavrinha ao Juiz em seu favor. Fora, aliás inútil. Havia juiz novo na terra.

Ainda preveniu Dona Dalva do gênio do noivo:

— Seu Raimundo Júlio é fisicamente mais forte do que eu, aquele homenzarrão, mas o gênio, então, esse é pior, muito mais forte, ainda não apareceu mulher que amanse...

Mas Dalva:

— Estou velha. Preciso de um cavalo novo que eu monte e que me monte. Os coices de garanhão para a égua carinhos são.

— Não ande dizendo isso, assim cru. Ele pode saber.

— Que saiba. É até bom: não se ilude. E homem lá tem vontade quando mulher quer? Não vê você mesmo...

— Dona Dalva, não brinque mais do que deve. Morena — corrigiu, formalizado: Dona Violeta é sua amiga. E quanto a mim também, é só minha amiga. . .

— Amiga de cama e mesa...

— Se fosse outro que dissesse isso...

— Fazia o quê? Mandava dar uma surra?

— Não, surra não.

— Então o quê?

Ficou ali, emburrado. O insulto era cordial.

— Diga, diga. Então o quê? Não sou gêmea nem mulata, mulher-dama nem preta...

Como sabia apertar nos machucados! Fora há tanto tempo...

— Surra, não...

Parou um pouco.

— Mandava matar...

Dona Dalva riu:

— A mim já quis mandar matar uma vez; até marcou hora. E matou?

Escondeu a perturbação:

— Não diga isso, você sabe que não é verdade. Quer brigar de novo?

Não, não queria brigar. Ria sem meio nem serenidade, mas ria:

— Sou mais sua amiga do que você pensa.

No dia seguinte, as mangas-rosas desafiavam mordidas. O portador trazia recado:

— Dona Dalva mandou dizer que foram tiradas com a mão dela.

23. Dona Dalva faz as pazes

No sábado, antes da hora da confissão, apareceu.

— Recebeu as mangas? Vim fazer as pazes. Eu não sei onde estava com a cabeça outro dia. Se achar mesmo que o casamento não merece a bênção da Igreja...

— Mas não. Só quero que saiba que o noivo perdeu tudo o que tinha na briga das terras.

— Eu sei, eu sei. Mas este meu corpo... Já quis até me casar só no civil. Porque ando com medo de ser uma tentação do Diabo este fogo fora de tempo, fora do tempo...

— Confie na força do sacramento. Vamos fazer logo esse casório, sua doida...

— Doida, mesmo. Já pensei até em dar outro jeito, me amigar em vez de casar... Ficava mais fácil de separar se não desse certo.

24. Dona Dalva se casa

Mas casou. Foi uma festa que se estendeu da vila ao Sítio Escuro, com o pessoal gabando a gordura do peito da matalotagem, contando nos dedos das mãos muitas e muitas vezes as cervejas, os vinhos, as caças, os vatapás, os leitões, os perus, os doces, os pudins, as montanhas de frutas, da terra e da estranja, e muito rojão de flecha e assobio, estrelinha humilde, pistola, bicha, busca-pé, cascata verde, chuva de ouro do Zeca Fogueteiro, mas sobretudo os fogos de artifício, cujo modelo e arte esse amador de gênio mandara buscar em Portugal, fogo de bonecos de dia, no fim da tarde, para ver bem as figuras vestidas de papel de cores, entre elas um vaqueiro

derrubando um boi, e à noite os fogos presos, sol de dalias, ventarolas chinesas, rodas sem conta, vulcão de pérolas, batalha de rosas, cruzeiros de Cristo, festa em Veneza, e, por fim, a peça de resistência, um par de noivos. Lindo! Também se não fosse ela o Zeca Fogueteiro não tinha colhido o filho caçula, a mulher, a bela Dona Afra, caminhava para as dez arrobas, só milagre de Nossa Senhora do Ó, e daquela outra santa, desbocada e alegre mas santa, sua comadre Dalva.

25. Dona Dalva acaba de fazer as pazes

Dois meses depois os presentes ao Padre amiudaram, e uma tarde Dona Dalva apareceu:

Vim acabar de vez de fazer as pazes. Ando muito satisfeita. Mas não basta ter casado na Igreja. Quero lhe pedir que esqueça qualquer agravo recente ou mesmo antigo, como aquela briga na procissão e o mais que se seguiu de perto, e reze por mim.

Talvez não fosse muito político lembrar até aquele escândalo velho, já escondido no tempo, pensou ele. Mas depois viu que se enganava. Dalva queria aumentar no arrependimento para valorizá-lo.

— Eu naquele tempo era capaz de tudo. Deus me perdoe!

Terminou confessando preocupações:

— Preocupações, não dificuldades. Estou preocupada com Seu Raimundo Júlio... Homem novo, casado com mulher mais velha do que ele...

— Dona Dalva não está tão velha assim...

— Estou, sei que estou, mas tenho cá meus segredos que nem a padre conto, a não ser em confissão, mas isso se fossem pecados, e entre marido e mulher tudo é permitido...

— Não diga uma tolice dessas que ofende a Deus.. .

Respondeu com aquela mesma gargalhada que ele bem conhecia, sem serenidade e, entretanto, sem medo, aberta, quase se poderia dizer matinal se não fosse mulher de além do meio-dia. Ignorou a interrupção:

— Não tenho medo de outra mulher. Deixa Seu Raimundo Júlio ver negra bonita, até mulata bonita, mesmo moça branca bonita. Tenho meus segredos.

De novo a gargalhada. Os dentes à mostra, e eram os dela mesma, intocados.

— Tenho medo é da desocupação dele.

Parou num silêncio longo.

26. Dona Dalva faz um pedido

— Padre Matias, posso lhe fazer meu primeiro pedido — pedido mesmo — nesses anos todos, nos em que estivemos brigados e nos em que vivemos de pazes feitas?

— E pedido assim pode se recusar?

Querida Raimundo Júlio na política.

— Política só serve para jogar dinheiro fora, dona, nem pense nisso!

— E eu faço questão de dinheiro? Cavalos milhados precisam de exercício, cavalos soltos ficam poltrões. Preciso de um gosto para Seu Raimundo que não seja cachaça, jogo ou mulher, antes que ele caia num desses desperdícios. Já lhe disse que não receio concorrência, mas antes prevenir do que remediar. E vamos ser francos: as eleições vêm aí, o moço ameaça feio, vocês precisam dos votos dos agregados do Sítio Escuro.

— Quem precisa de enquanto o Senador mandar?

— E se o Senador cair?

— Cai o quê! Esse moço é um poeta! Mas me diga: a idéia foi do Raimundo Júlio?

— Pelo contrário, quando lhe falei espantou-se, recuou assustado. Mas insisti. Mostrei que ele nem precisava mexer-se. O prestígio do Padre era grande. . .

A sugestão da candidatura à vereança terminou partindo do Padre. Dona Dalva não quis desde logo dizer que não bastava à sua paixão. Mas tomou coragem:

— Eu pensava que ele é que seria o bom candidato a prefeito. É muito popular, não cria dificuldades. Basta dar umas voltas em sua companhia pelo mercado e pelas fazendas mais perto... E daí talvez nem precise lhe dar o trabalhão dessas canseiras. Basta sabermos que vosmincê concorda.

Pôs um gosto faceiro no “vosmincê”...

27. Padre Matias é franco

Padre Matias foi franco:

Eu por falta de franqueza não me perco: já assumi compromisso com o Neco, filho do Coronel Felismino, que tem a Maçonaria toda para trabalhar por ele. E o dinheiro do pai. A campanha, desta vez, vai custar caro.

Discute, sugere, mede, conta, ameaça, recua, Raimundo Júlio terminou saindo mesmo apenas candidato a vereador pela situação. Mas Dona Dalva foi aceitando e pedindo:

— Não fale nisso por ora a ninguém. Me deixe primeiro preparar o espírito dele.

28. Dona Dalva negaceia

Mas quem havia logo de sumir no mundo? Dona Dalva, lhes digo. Não voltou na sexta-feira nem foi à missa de domingo. Padre Matias inquietou-se. Dias depois teve notícia do cavalo dela, o Príncipe (Príncipe Terceiro, neto do outro Príncipe, famoso perdedor-ganhador das corridas do Festival), amarrado acintosamente num pé de mamorana, em frente da casa do Dr. Severino, que ele há muito sabia espiando, à espera de que sua maré baixasse, para se declarar chefe da oposição. Dormiu mal à tarde: varanda fresca, rede nova e limpa, mas dormiu mal. Não que o chambaril gerasse pesadelos, tinha estômago de rapaz. Mas a cada instante acordava do cochilo, à espera da voz de Dona Dalva, explicando que fora a o Dr. Severino apenas em busca de receita nova.

Nessa mesma noite seus esculcas enredaram:

— Raimundo Julio é o candidato a prefeito da oposição.

29. Padre Matias monta na Teimosa e faz visita

Queimou-se muito no primeiro momento. Depois contou, recuou, mediu, remediou, meditou. No outro dia pela antemanhã, ainda não estava claro, ele mesmo selou a Teimosa, riscou ao amanhecer nos pátios do Sitio Escuro:

— Já acabaram de torrar os beijus? Tem manteiga de nata? E requeijão assado? Queijo de coalho fresco? Coalhada escorrida? E fruta? Bacuri-da-moita?

Aumentava a voz para acentuar bem fundo os repentes forçados da amizade.

Mas a conversa terminou em discussão e a discussão depois se encrespou. Padre Matias ficou entre a ameaça e a oferta:

— Ofereço o lugar de vice-prefeito. Mas escolha e decida depressa, comodre, que o homem passa hoje de avião para o Rio. Ou prefeito na chapa da oposição, e amarre o cavalo que a tormenta vem forte, ou vice-prefeito comigo, o Coronel Felismino, a Maçonaria e o pessoal da esquerda (que eu já tive uma conversa com um afilhado da moça que manda no Partidão). Para enfrentar esse demônio, vale tudo. E até já pensei em combinar com o Neco, ele abre mão da candidatura e eu próprio me apresento. Ganho fácil e me licencio. Preciso de ir a Roma tratar de uns papéis. É pegar ou largar. Ou candidato a prefeito da oposição, e a coletoria vai rever os impostos; ou vice-prefeito na minha chapa, governo é governo, me elejo e passo a prefeitura ao Raimundo Julio.

Já não era a mesma de outrora. Aceitou. No fundo, talvez temesse ver o marido começando com responsabilidades maiores, uma prefeitura rica.

30. Dona Dalva se arrepende

Mil anos que vivesse e mais se arrependeria. A campanha principiou tranqüila. Acendeu. Fogo no cuim? Pegou no município inteiro, até nas fazendas.

31. Veneno de cobra guardado em folha

Seu Beja Moura tirou de novo A Cidade. O moleque Lucas era agora o Lucas estudante, que depois se tornaria famoso no Sul. Ódio velho não cansa, mas o do rapaz era curtido, forte como veneno de cobra guardado na folha enquanto a bicha se banha. Naqueles dez anos incubara e aumentara.

32. O circo no mês de maio

O circo chegou, o Padre não gostava de circo, mas Dona Morena ouviu as conversas dos homens, foi a ele, era preciso agradecer ao povo, desanuviar os espíritos. Concordou relutante. Só impôs

a condição das trapezistas se cobrirem melhor, usarem malha de algodão grossa, alargarem mais uns palmos de bainha no saiote. E as dançarinas de tango tinham de cobrir o colo bem coberto. Não viessem alegar o calor: era maio, mês de Nossa Senhora. Os artistas hesitaram, mas Seu Elias, dono do circo, ponderou: antes um espetáculo censurado que nenhum. E Dona Morena nem aceitou presente, queria apenas assistir à estréia. Para prestigiar. Deram-lhe o melhor camarote, convidou Dona Dalva, Neco, a Hermengarda, noiva de Neco, Seu Raimundo Julio, o Joãozinho coletor. À última hora Dona Mocinha decidiu que ia também.

33. O circo é lugar de violão e de trovas

Antes não fosse, não fossem. Tudo corria ótimo, muita gente, as partes das moças bem escondidas, os dançarinos de tango moderados, quando no segundo intervalo o violeiro, muito envolto em mesuras, muito refinado, a mão que segurava o instrumento acenando com ele para o povo, chegou ao picadeiro, trouxeram uma cadeira de armar, sentou-se, ponteou o violão, a unha pintada de preto, muito comprida, mexeu nas cordas, levantou-se, sentou-se, levantou-se, olhou para o camarote de honra, curvou-se, sentou-se, encheu a voz:

— Pra consolar a pobreza
as mãos de Dona Violeta
pousam nas dores da vida
como asas de borboleta.

Parou um pouco, preparou a garganta, continuou:

— Voga a canoa da vida,
vai descuidosa e serena
se sobre ela cai a bênção
das mãos de Dona Morena.

E por trás o palhaço apareceu, com seu nariz vermelho, seus grandes sapatos de metro, sua voz fanhosa:

— Se não fosse Dona Violeta
a coisa ia ficando preta.
A coisa não valia a pena
se não fosse Dona Morena...

E a música da bandinha tocou logo o dobrado, e houve palmas. Mas não foram muitas. Muitas foram quando o estudante Lucas Moura, o moleque da pedrada, que depois - como já se disse - ficaria famoso no Sul, levantou-se e respondeu, na toada do violeiro, com um companheiro acompanhando no violão:

— Pois viva Dona Violeta
e viva o Padre também.

A bondade dela vai
mas a surra dele vem.

Neco levantou-se na cadeira, gritou:

— Cachorro! - E ia continuar, quando fechou a tempo.

34. Neco serve de bode expiatório

A culpa não foi de Neco. A oposição é que escolheu depois o Neco para bode expiatório. É certo que ele chegou a atirar, o primeiro tiro da noite, mas o fez para acalmar os ânimos, tanto que apontou para cima, e foi azar se acertou justamente num dos caibros de sustentação do toldo de pano velho que cobria o espetáculo. É também certo que Neco desafiou Lucas para brigar lá fora, quando mal cessavam os aplausos ao improvisado do moço jornalista. Que outra coisa poderia ele fazer quando Hermengarda, sua noiva e sobrinha do Padre, o interpelava: “Esse desaforo fica sem resposta?” Levantou-se, subiu na cadeira, gritou: “Cachorro”, o outro respondeu: “Cachorro é você, filho de padre!” Dai Neco: “Filho de padre é você, filho da puta! Vamos lá pra fora.” Depois foi tudo rápido; violento, imprevisível, um relâmpago, um raio, um atropelo de raios e relâmpagos: o insulto, o desafio, a briga, o quebra-quebra, os gritos, o tiro, os tiros, a coberta de lona desabando... Não houve morte de homem, apenas alguns feridos, nenhum gravemente, nem mesmo, para espanto geral, perna ou braço quebrados.

35. Atestado de ideologia

No dia seguinte, o Delegado Teófilo exigia atestado de ideologia do palhaço, do violeiro, dos trapezistas, dos dançarinos e do Elias, dono do circo.

- Não quererá do leão também?

A pergunta era de Lucas, que, improvisado em defensor das liberdades públicas, quis pedir habeas-corpus. Mas o pessoal do circo, já habituado a desventuras, se contentou em ir à casa do Padre visitar Dona Morena e jurar que não eram ingratos, não queriam saber de conversa com Lucas. Nunca o tinham visto antes. Ave Maria! Nada fora combinado! A idéia era fazer surpresa a ela, a grande benfeitora, prestar-lhe homenagem.

O circo fechou, não havia dinheiro em caixa para os reparos e a Segurança não estava aceitando a explicação. O pessoal, apesar disso e graças à intercessão de Dona Morena, escapou da cadeia: teve ordem de seguir no ônibus da tarde. Cumpriu.

Até aí a coisa ia bem. Mas um rumor surdo de cansaço começava a subir das gentes. Quem Deus quer perder...

36. Ciganos furtam cavalos

Ciganos furtaram cavalos na fazenda Barras Verdes, do Coronel Felismino. Parece que é o que fazem desde que o mundo é mundo e eles ciganos. Foi o jeito prender o bando todo. Mas ninguém confessou nada. O Padre Matias e o Coronel foram juntos visitar a cadeia, e Neco ia com eles. Os presos espiavam com olho matreiro,

que ria se escondendo. Já estavam de habeas-corpus requerido pela velho João Lula, promotor aposentado, chicanista perigoso e de maliciosas, inteligentes artes. Com a promoção a desembargador do Dr. Ebenezer, o Dr. Leopoldino, moço e estranho à vida local, se proclamava independente, disposto a distribuir justiça. Urgia a confissão. O Coronel, alias, não queria indenização ou castigo, mas o cavalo Rompe-Nuvern lhe era indispensável. Fora sempre apegado aos seus animais de sela. Deixara de casar a filha com o Dr. Filinto, Juiz de Direito da capital, que o visitara, tomara banhos no tanque, bebera cajá com leite, comera requeijão assado, e se dizia enamorado da moça (um casamentaço: Maria Cândida, ainda não seduzida pelo diabo do preto, bem que fazia olho de agrado), porque o visitante tivera o capricho de montar seu cavalo esquipador, que era, então, o Quebra-Ferro: “Esse, doutor, só quem monta sou eu. Nem Neco! Olhe: tem trinta cavalos de sela na fazenda, escolha um, é seu. Escolha nas fazendas vizinhas, o melhor, lhe compro para presente. Mas neste nem montar, ele derruba outro, sou casado com ele, é casado comigo...” Na mesma tarde, o doutor viajara de repente, mal se despedira, amuado. Nunca se queixara da incivilidade nem do sonho desfeito, a filha em São Luis, bem maridada... E agora cigano furtava o Rompe-Nuvem, marchador famoso, puro-sangue, a que se afeiçoara ainda mais! O Subdelegado Juriti, nessa mesma noite, obteve a confissão de dois ciganotes, afrouxados nos intestinos ao verem os pais nus em pêlo, gemidos sem gritos, pendurados do teto pelos grãos. Mas os homens - eram chefes - já descera da tortura quase mortos, e não demorou estavam queimando de febre, e na mesma noite frios de vez. Política é coisa cruel: provou-se que os ciganos tinham se revoltado na prisão, e se esperava que Juriti nem denunciado fosse, mas o velho João Lula, o Promotor e o Juiz tiveram uma conversa, Juriti foi preso sem fiança, por ordem do Juiz, para grande sensação coletiva, o zé-povinho açulado por sucessivas edições da Cidade, onde Lucas

escrevia que tinham acabado as guerras de religião, começavam as guerras civis. Era subversão! Inutilmente o Padre Matias pediu providências a São Luis, onde tinham sobrevivendo preocupações maiores, a situação desabava.

37. Enterro e liberdade

O enterro dos dois ciganos – hoje ninguém se lembra mais nem dos nomes – foi uma loucura. Gente que os teria posto para longe das suas casas chorava agora. Lucas conduziu o préstito. Arranjaram um franciscano do outro lado para encomendar os corpos daqueles desgraçados.

E de volta invadiram a cadeia, libertaram a banda todo.

38. No sétimo dia

No sétimo dia, como Padre Matias recusasse celebrar a missa, alegando duvidas sobre a confissão católica dos mortos, sua pouca ou nenhuma freqüência aos sacramentos, sua conduta em face de propriedade alheia, o franciscano lá veio outra vez e se prestou à cerimônia campal, no próprio Largo de São José, fez até sermão falando na bem-aventurança dos que sofrem. Depois, aproveitando o ajuntamento do povo, Lucas, já candidato a vereador, conduziu a manifestação. Dividiram no meio a Largo de São José, plantaram uma cerca de galhos de cajazeiras, puseram uma placa: Praça dos Ciganos. E fizeram comício com discurso do Lucas, transmitido

pela amplificadora, cujo dono se bandeara, já farto de emprego bom e dinheiro gordo.

39. A Praça dos Ciganos floresce

Numas semanas depois caíram as primeiras chuvas, brotaram árvores novas, já pegadas e de raiz, as primeiras folhas. Dona Raimunda certa noite trouxe mudas de roseiras-de-todo-o-ano. Cavaram canteiras. Estrumaram o chão. Plantaram também violetas, mesmo amor-perfeito. E hibiscos abriram ao sol seu grito vermelho.

40. Desmancha-se a Praça dos Ciganos

Era o desacato público, escancarado, à autoridade. O Prefeito Totonho convocou a Câmara, que manteve o Largo com suas características tradicionais, cerca, placa e praça eram contra a lei, pediu providências à polícia. Muita gente foi ver a derrubada das cajazeiras. O Padre Matias acompanhou da porta de casa o Coronel Felismino a cavalo (o Rompe-Nuvem fora substituído pelo Peito-de-Aço) mais o Neco, junto dele, também montado, a polícia embalada. Houve correrias, mas na hora o povo não resistiu.

Nessa mesma noite, a multidão – dirigida por Lucas – replantou a cerca, as cajazeiras, as roseiras, os hibiscos, refez os canteiros. Levaram violões e cachaça para animar. Acenderam lampiões de carbureto.

A questão caminhava para um impasse, quando surgiu outro mal-entendido, esse pior ainda.

41. O cemitério velho e a rua nova

A Câmara desapropriou o cemitério velho, de propriedade da Irmandade do Rosario. A iniciativa não era do Padre Matias, e sim do Coronel Felismino, interessado na rua nova que acabaria com a solução de continuidade da via principal, interrompida pelo cemitério. A rigor não era rua nova, mas a continuação da Avenida, onde ficava sua casa. Era incrível que aquele monte de túmulos em descuido, abandonados no mato alto, no meio de carrapicho, fedegoso e maria-mole, esquecidos pelos próprios donos, sem flor mesmo em finados, perturbasse a progresso da cidade, impedisse os edifícios novos nos terrenos mais ricos. Não havia mais lugar para sepultura, há muito tempo não se enterrava ninguém aí. Os anjos de cimento riam graciosamente de um lado do rosto, choravam do outro, como se adivinhassem o fim. A postura municipal foi sancionada pelo Prefeito em tarde de festa, com foguete, banda de música, discursos, cerveja. Folhetos feitos em São Luis continham em policromia a antevisão do futuro paraíso urbano, obra-prima do bom gosto nacional em matéria de habitação. Mas assim que a notícia circulou a Maroquinhas doceira, que vivia de fazer tijolo de buriti, leite e mangaba ou chapéu-de-couro (sempre havia fartura de mamão, rapadura e coco babaçu), chorou muito. Seus avos, outrora do- nos de tudo, agora nem o descanso eterno mereciam... Foi -como Dalva noutros tempos - de porta em porta. Levantou dinheiro e, mais do que dinheiro, indignação. Telegrafou para o Rio, onde havia parentes dos defuntos. Saiu protesta nos jornais

cariocas, que, através de reportagens forjadas, identificaram os capitais paulistas interessados na especulação. Maroquinhas recebeu telegramas de volta. Antônio Músico abriu o bar para arrecadar as coletas. Organizaram-se turnos para vigiar os muros dos mortos contra a investida dos vivos. Era o que Lucas escrevia no jornal, publicando versos da brava Maroquinhas.

Andou saindo a desoras do cemitério velho uma assombração, que flutuava. Não tardou a policia descobriu que eram artes de Lucas menos desejoso que assim lembrar aos vivos sua obrigação para com os mortos do que de acirrar ânimos contra as autoridades unidas, a civil e a eclesiástica, e de angariar votos. Entraram na conspiração Maroquinhas e o pessoal da amplificadora, que à meia-noite silenciava de repente para ceder a vez a assobios enquanto lençóis erravam no ar e batiam nas portas e janelas propicias. Desvendou-se o segredo, mas pareceu melhor deixar cair o episódio no esquecimento, não havia provas embora os indícios não deixassem duvida, mas Maroquinhas era popular, Lucas, candidato, estava protegido por artigos da lei eleitoral que nem permitiam interrogá-lo.

Circulou que no cemitério novo corria laje a dois metros de profundidade, em casa de enchente os mortos boiariam. Para manter o prestígio da autoridade e cumprir a decisão da Câmara, foi preciso meter o trator municipal à noite, os vigias voluntários de plantão viram (ou ouviram), gritaram, acudiu povo muito, acordado pela amplificadora, o tratorista e os ajudantes ainda pediram apoio da policia, mas àquela hora... No dia seguinte, com desprezo absoluto, ostensivo e provocador, do rito processual, o Juiz de Direito deferiu sem tir-te nem guar-te a petição inicial' do Dr. João Lula em mandado de segurança de Maroquinhas, concedeu liminar contra a derrubada do cemitério velho e mandou parar o avanço da civilização. A sentença desafiava agravo. Mas o Promotor se recu-

sou a qualquer movimento corregedor. Antes disse a Lucas, que o publicou: se Maroquinhas não tivesse agido em nome dos mortos, ele próprio renunciava à Promotoria para propor ação popular em nome dos vivos...

42. Lucas mata Padre Matias

Lucas estava matando Padre Matias. Lucas ou o relógio? Olhava as horas, mais de duas e ainda não dormira, não eram cinco já estava acordado. Teve, então, o cansaço do poder, e desejou abdicar dele ou reparti-lo, mas todos se haviam habituado a obedecer e Lucas mal começava a resistir. Ao menos no tempo da pedrada podia ter mandado rapar aquela cabeça ou dar-lhe uns bolos de palmatória nos pés... Se tivesse adivinhado!...

43. Com ou sem Neco

Politicamente, o maior desgosto ainda estava para vir. Quando teve de forçar Neco a retirar-se para lhe ceder a vez, o Coronel Felismino rompeu, esquecido da combinação antiga e dos interesses do partido. Padre Matias exclamou: “Mas com Neco não se ganha a eleição! Neco é muito impopular!” E o Coronel, no mesmo tom: “Sem Neco também não.”

44. Nada se prova mas todos crêem

Padre Matias perdeu a cabeça. Deus desajudou, endoidou-o de vez. Só assim se pode explicar que tenha pisado o canteiro de rosas de Dona Adelaide, que apenas vendera as mudas a Dona Raimunda, não se metia em política. Coisas como essa doem mais do que surra ou morte — ou tanto quanto — e em todos. Atravessou mesmo o Largo de São José na Teimosa, que botou para beber água do tanque, de onde subia o Repuxo dos Ciganos. Nada disso ficou provado. Mas quem quer prova nessas horas? Nada se prova. Basta que todos creiam.

45. O roldão do sangradouro

A derrota veio, num roldão geral, como sangradouro de lagoa que rebenta na enchente maior. A eleição foi quinta. Sábado entraram pela noite apurando voto. Domingo antes da missa os vencedores estavam no microfone.

46. Batem o caixão do Padre

Padre Matias nem saiu de casa. Apesar da chuva, batiam no largo em frente tábuas de caixão para a farsa do seu enterro, anunciado com insistência pela amplificadora. Pediu providências ao Delegado, Teófilo mandou dizer que fora para a fazenda. E logo o

Zé Sacristão trouxe a notícia, Teófilo fugira, se esgueirando pelos becos, desabando a cavalo no rumo dos escavados das Piranhas. Uns moleques ainda lhe jogaram pedras.

O Promotor e o Juiz de Direito, muito dignos, mandaram a Padre Matias uma solidariedade platônica. O novo Prefeito, Dr. Severino, se disse em desacordo com o jubilo popular, mas não podia impedi-lo, era inevitável, não temesse que podia garantir que não haveria morte de homem, só o desabafo próprio dessas ocasiões. Essas hipocrisias feriam mais do que a covardia do Teófilo.

E não tardou a voz de Lucas na amplificadora: — Morreu. Nunca mais comerá arroz de galinha com pimenta-de-cheiro, preparado por mãos morenas. (A voz no alto-falante grifava o morenas). Os mortos do cemitério de São José recusaram a companhia dos seus ossos, lembrados de que não há muito tempo ele quis perturbar-lhes o repouso perpétuo para satisfazer a especulação imobiliária. Levamos para o cemitério do outro lado. Os dela ficaram solidários com os daqui de São José. Quisemos jogar no rio: as piranhas protestaram.

47. A chuva cessou

Lá para as Dito da noite, a chuva cessou. Um luar forte aclarou a praça. Na parede da igreja uma garatuja a carvão agradecia aos vivos não terem chamado os mortos a votar.

O povo começou a se reunir na frente do coreto da igreja.

48. O comício

O comício era a provocação final. Padre Matias trancou-se no quarto. Dona Morena, sempre tranqüila, ouvia, calada, na passividade do vestidinho preto, gola branca, o terço entre os dedos.

49. Pancadas muito conhecidas

As pancadas leves eram conhecidas. Dona Mocinha entrou, muito chorando por dentro, mas gritando de olho seco:

— Meu filho! Que gente! Quanta ingratidão!

E ele veio à sala, escondeu o rosto no colo farto. As palmas e o “o de casa” eram conhecidos também. Dona Dalva explodia acesa em ânimo:

— Que é isso? Ninguém morreu. Trovoada de verão passa logo. Praga de urubu magro não mata cavalo gordo.

Mas não arrancou Dona Morena do terço, nem o Padre Matias dos braços de Dona Mocinha.

50. O enterro

Lá fora Lucas fazia miséria.

Por sua sugestão resolveram vir pedir ao padre a bênção para

o enterro do próprio padre...

Era demais!

A janela abriu-se, um braço cruzou noutro, o gesto obsceno afrontou a multidão, num grande brado insultante:

— Canalhas! Vocês viviam lambendo o cu do Padre! Só esse frangote é que tinha coragem... Cambada de cachorros! Filhos da puta!

Mas de repente a voz de Dona Dalva esmoreceu e calou. Entre os que carregavam as alças do caixão, e levantavam as caras escarni-nhas para a janela, acabava de reconhecer o candidato derrotado a vice-prefeito, seu marido Raimundo Júlio.

51. Cínico e amorável

Nessa noite, acrescentou ao “seu” de todos os dias um “senhor” quase agressivo:

— O que o senhor fez não se perdoa, Seu Raimundo Julio.

Mas ele, cínico e amorável:

— Ah! minha mulherzinha, que se não fosse pelo Padre eu era, a estas horas, o prefeito de São José das Cajazeiras...

E acreditava mesmo nisso, o tratante.

52. Padre Matias foi a Roma

Passado o trave da derrota, Padre Matias lá se foi a Roma. As coisas foram retomando o ar natural. O Vereador Lucas Moura agitava. Fazia do urubu seu símbolo – o que limpa a cidade dos poderes. Dona Dalva mergulhara nas fruteiras do sítio, Dona Morena ia por vezes visita-la, e Raimundo Júlio, escabreado mas solícito, adoçava a boca para as políticas futuras.

Um dia o Padre Matias voltou, mudado, risonho, um terço para um, uma imagem luminosa de Nossa Senhora de Fatima, comprada no próprio santuário, para a mulher de Neco, medalhas, santinhos... Não queria mais saber de política, jurava. Perdera o gosto do poder. Mas esse gosto se perde? Ou esse habito? Emagrecia.

53. Um presente do Céu recusado

No aniversário de Dona Morena lhe anunciou que tinha para ela um presente do Céu. Ou pelo menos de Roma. Mas Roma já não era o caminho do Céu? Chegara a licença para se casarem. Surpreendeu-se com a indiferença da resposta:

- Em que é que isso muda as coisas? Algum dia lhe falei em casar? Quero não. O povinho vai falar muito.

54. A opinião de Dona Mocinha

E mais se surpreendeu quando, atravessando a praça para levar a boa nova a sua Mãe, na casinha pegado à igreja, Dona Mocinha rompeu séria, exaltada, pela primeira vez lhe viu lágrimas:

— Não, meu filho, não. Não passei fome nem lavei roupa pra fora e engomei até nos domingos para fazer meu filho padre e ele agora deixar a batina. Isso nunca! Você foi sacerdote por promessa e nunca andou vendendo tabuleiro de rebuçado... Padre foi, padre será. Algum dia deixei de falar com Dona Sinhá Morena? Não tratei sempre com amizade, quase como se fosse nora? Só não como nora para não dar na vista, não confirmar os boatos. Está tudo bem assim. Sempre aceitei, aceitei. Casar, nunca... E não creio que ela queira. Ela é moça direita, gente de bem, gosta de você, não vai se conformar com essa desgraça.

Padre Matias buscou em Dona Dalva o conselho, fez a confidência:

— Que mulheres mais incompreensíveis!

55. Da rede para a cama

Foi definhando, foi definhando.

Ainda buscou – e achou – alguma consolação nos livros. Riu - mas de um riso desconsolado com os recortes que guardara de Carlos de Laet, releu as obras de Camilo Castelo Branco; o Amor de Perdição lhe punha a garganta apertada, a alma em prantos. Procurou sem achar as cartas de amor do Padre José Agostinho de Macedo, dirigidas à freira Feliciano, que um sacerdote português, lente do Seminário, lhe emprestara ainda em São Luis, quando

era formigão. Cansou-se, e teve pena! Lembrava-se de quando lera para Morena aquelas expansões, quando o clássico (porque era, sem dúvida, um clássico) sustentava que no encontro deles não havia escândalo, “tudo é ao Divino e para maior glória do Senhor”. Ou de quando, falando de si mesmo, José Agostinho se dizia pregador de aluguer, mijão, potroso, rabugento, moribundo... Moribundo: é como se sentia.

Quando se deitou doente na rede, uma rede de casal azul e branca de São Bento, presente de Dona Dalva, comprada especialmente para ele em São Luis, com a larga inscrição de “Paz e Amor”, foi para descansar de vez. Já não lia nem os jornais da capital. E nada lhe apetecia, nem lingüiça de Caxias. Muito magrinho, muito moreno, o cabelo enrolado embranquecido de repente, as duas mulheres o atendiam irmanadas, solícitas, como se a aproximação da morte as juntasse no amor pelo homem de cujo coração as paixões iam desertando.

Numa tarde de sexta-feira mãos fortes o passaram para a cama. Era pele e osso. Sabia o que isso significava. Mandou chamar Dona Dalva:

— Depois que eu morrer tome conta dessas duas, uma que não quis casar comigo e outra que não quis que eu me casasse.

— Mas que conversa mais idiota...

— Promete?

— Lá preciso prometer...

Quería que as duas ficassem do mesmo lado da cama. Assim podia morrer vendo ambas ao mesmo tempo.

— Deus que me perdoe. Os erros de que me acusam foram cometidos por amor d’Ele. Às vezes foi preciso ser duro com os homens, que abusavam da Sua Bondade.

56. Visitas

O Dr. Severino o visitou. A casa vivia cheia, ninguém entrava no quarto, quiseram abrir exceção para ele:

— Não vim como médico, mas como prefeito, prestar homenagem a quem tanto trabalhou pela nossa terra-berço.

Na varanda, foi desenganador:

— As senhoras já sabem: está contando as horas.

Podiam mandar buscar padre do outro lado.

57. Confissão

O franciscano entrou com seu passo leve, miúdo, rápido. Demorou-se no quarto fechado.

Mas a morte, essa, não se fez esperar. E, quando chegou, sua visita foi ligeira. Ele não gritou. Tomou um hausto, inteiriçou-se.

As duas mulheres não sabiam se o abraçavam ou se abraçavam.

Tocou a finados de meia em meia hora.

58. O discurso de Lucas

O Vereador Lucas fez o elogio do morto na Câmara Municipal.
Foi um discurso lindo. Muita gente chorou.

Dona Dalva

No meu tempo não se chamava tênis, mas pé-de-anjo, e Dona Dalva foi a primeira mulher a usar lá pelas minhas bandas. Dia e noite, chuva e sol, e não apenas nas paradas ou exercícios como o Filipe alfaiate, instrutor de ginástica do Tiro de Guerra, de quem se diziam coisas. Minha Tia Dalva - não era tia de verdade mas lá em casa me ensinaram a chamar assim, a cidade chamava Dona, Dona Dalva, os caboclos simplesmente “a Doutora” - não era falada, pela menos não era falada nesse tempo. Cortara, é certo, o cabelo à lá garçonne, mas, apesar disso e do pé-de-anjo, todos a respeitavam, embora por vezes rissem dela, o que me doía. Eu lhe queria muito e ela me quis sempre, se bem que não fosse o afilhado era seu predileto, tive muitas provas disso mas a maior foi quando nos apareceu em casa, já eu rapaz feito e ela quase de cabelo branco, convocou os velhos e a mim, trazia consigo uma amiga viúva, explicou que eu estava em idade de problemas, na idade dos problemas, afinal de contas que idade não é?, pois a dona agora os reencontrava, éramos livres, podíamos nos entender. Meu Pai achou graça, ainda indagou: “Que história é essa, Dalva?”, e minha Mãe: “Essa Comodre Dalva tem cada coisa..”, “ Em contraste com Dalva, em quem o tempo não apagara os marcados traços trigueiros, a mulher era feia, coitada: ainda nos vimos num baile de Carnaval e um dos meus companheiros ficou com ela, eu muito encabulado daquilo tudo. Naqueles idos de trinta, uma oferta dessas, se imagina? Ela no fundo não pensava em mim, também na amiga, mas sobretudo em ajudar a resolver problema alheio. E sabia dessas precisões urgentes, até se casou três vezes, e foi a sua desgraça. Mas não quero adiantar

as coisas, e já vou sem me dar conta passando na frente.

Não era de preconceito nem tinha razão para ser. Filha natural? Os Monteiros da Fazenda Velha não distinguiam entre filho legítimo e natural, e nos pertos do cativo tinha negra bonita que de cada moço da casa ganhava filho, às vezes mais de um, e tudo era criado junto. Ela era Monteiro muito, quase toda, defeitos e qualidades. Formou-se em Farmácia - curso mais rápido - para não depender de ninguém, nem do irmão mais velho (só por parte de pai), que custeava os estudos. Ela mesma vendia no balcão, sozinha, o dia inteiro: não confiava em caixeiro. Não tinha medo de choro, de grito, de convulsão nem de sangue: encanava braço e até partejava. Andou por São Luis para fazer um curso de prática de ginecologia e obstetrícia com Miss Laurie, e como era um tempo em que homem de vergonha não deixava olho de outro homem ver as partes da mulher, logo que voltou o Dr. José Evaristo se confessou desanimado com a concorrência: pois não é que começou a perder as clientes, e pior foi quando, uns tempos depois do regresso de Dona Dalva quis colocar moça donzela (ou tida como) em posição de exame, nem chegou a meter o espéculo, foi aquele grito, a mãe acudiu, correram para Dona Dalva, no outro dia o médico teve que mudar-se da cidade às pressas, tomou o trem de madrugada. Parto e xarope, magnésia e jalapa da terra, regulador e remédio de vermes, caché de quinino para impaludismo e salsaparrilha para ferida, almanaque com dia santo e fases da lua para os caboclos, Dona Dalva foi aumentando as posses. Quando o padrinho morreu (não era filha de padre, mas nos Monteiros da Fazenda Velha filho natural era assim que se distinguia dos outros, chamando o pai de padrinho) recebeu um terreno bem longe do centro. Não se amofinou, não discutiu herança. Fez casa e plantou fruteiras, muitas, todas, até palmeiras vestidas de espinho, buritiranas, macaúbas de longo, mortal acúleo negro, tucuns agressivos com os pequenos cocos a princípio verdes e sem demora de um amarelo cor de gema de ovo.

Combinava e com- parava espécies raras mandadas buscar longe e as nascidas de sementes do mato: “As nossas coisas são melhores”, dizia. Eu não tinha ainda seis anos, talvez nem cinco, me lembro de tudo em relâmpagos. “Bacuri leva quarenta anos para dar? Alguém um dia vai apanhar do chão...” Gostava de tudo, até de camapu. Mas uma vez arranjou no Ceará muda de serigüela, deu flor, deu fruta, ai quase mandou cortar o pé: “Fruta também precisa de ter caráter, que nem gente. Cajá tem que ser ácida. Já se viu uma coisa dessas, uma cajá assim, ora quase doce por demais, ora de um doce quase sem doce?” Entretanto cheiro de flor nenhum lhe parecia excessivo, jasmim de rama e tronco, dos mais difíceis de conseguir, até jasmim-do-cabo, e também manacá, laura-rosa, flor-da-noite por toda a parte perfumavam... E queria árvore grande mais para a beira do rio, mangueira que desse fruta, sapucaia que desse flor e fruta, angico que não desse nem flor nem fruta... E a casa (rodada de laranjeiras e limoeiros) era de adobe, adobe ou taipa, não me lembro bem, talvez mesmo tijolo, mas de qualquer forma sem traço de cimento. “Os antigos conheciam cimento? E as casas estão aí, mesmo quando querem cair basta um espeque de carnaúba.” Carnaúba era outra das suas manias. Quando chegou a eletricidade, botou na casa, mas tinha sempre velas de carnaúba guardadas - para quando queimasse lâmpada ou faltasse a corrente, ou para ficar lendo até alta noite, sem precisão de se erguer na vez de apagar, ou para, quando viesse a hora entre todas difícil, ter os olhos em luz que lembrasse a imortalidade da alma mas também as alegrias do corpo, cheirasse a venta e a campo... Dormia em rede. “Cama só para morrer ou ter filho.” No fundo, era a regra geral, que ela apenas traduzia em palavra falada. De carnaúba cobriu a casa, grande, sobrance para mulher sozinha. O teto fazia lá em cima um desenho estranho, muito especial, diverso do comum, cada palma nascendo da outra, uma estrela brotando de outra estrela, uma esteira de estrelas. De casa para a farmácia, às vezes no sol do meio-dia, Dalva

não quis andar nunca de sela de banda: escanchou de amazona na burra Laranjeira, que depois trocou por uma charrete vermelha, ela sempre de branco, até o pé-de-anjo.

Por esse tempo:

— Dona Dalva, que escândalo! deu para tomar banho nua na c'roa do rio!

E meu Pai: “Dalva, Dalva, olha a perseguição dessa gente! Vê o que você anda fazendo!”

Mas Dalva: “Que fosse nua, o que tem? Não é natural? E eles não vêem todo dia as lavadeiras nuas? E no poço dos homens como é que eles se banham? Não é nu? Mas tenho meus pudores, resultado dessa educação fechada e dessa sociedade hipócrita. Mandei buscar maiô no Rio de Janeiro. Igual ao da Zezé Leone. Eles é que ainda não descobriram para que serve o correio... Eu só quero saber se o Augusto carteiro não abriu o embrulho... Ele, sei por que reclama. Bem sei... A coragem não chega para me espiar como faz com as pretinhas novas na passagem da ponte velha...”

Diziam que Dona Dalva era mão-fechada. O que sei é que não cobrava renda de agregado. Não se usava ajuda em parto pela hora da noite ou pela condição da mulher, e escondia malfeito de donzela. Atendia de graça em casa de palha: tu do era nascer. E nem fugia das mulheres da vida, até ia vê-las na zona, distribuía outros remédios, aconselhava hígienes. Afeiçoou-se mesmo à Rosa do Banco, que se aconselhava com ela em outras matérias, como em prestar dinheiro a juros, comprar terras, mandar ensinar às filhas no Sul. Enfrentou, aos gritos, numa tarde de procissão, o Padre Matias que exigia das raparigas deixarem o cortejo: “Elas acompanhavam o Cristo! Você não tem esse direito! O que elas fazem esta na lei da natureza! Padre cristão não expulsa: chama, acolhe, aconselha e perdoa!” Gritou muito, começou um tumulto; terminaram saindo

com ela em grupo, seguindo de longe o Senhor Morto.

Não terá sido por isso – ou terá – mas por esse tempo rompeu com a Igreja e, depois de uma rápida passagem pelo protestantismo, começou suas leituras teosóficas. Em toda parte falava de Krishnamurti. Pensava em providenciar sua ida à cidade. Em falta de Krishnamurti, inacessível, perdido pelo Velho Mundo, convocou um médium, Sri Mattar, que segundo o Almanaque do Pensamento, andava curando muito e recebendo mensagens, soube que viera do Sul, de Pernambuco fora parar pelo Ceará, bandas de Sobral. Pagou passagem, hospedou em casa. Ele terminou par lhe contar reservadíssimo, e sob jura de segredo, que era natural do subúrbio do Rocha, no Rio de Janeiro, mas formado na Holanda, onde cruzara com o próprio Krishnamurti, andando de bicicleta, nas vestes soltas de deus hindu, pelo macio asfalto europeu. Confessou-lhe, também, que no mundo se chamava Benedito, embora na revelação fosse a principio Júlio Cesar, só depois Sri Elvizir Mattar. Usava uma barba rala, não comia carne nem mesmo ovo, passava a frutas e coalhada. E deu para curar sem remédio nenhum, com crescente fervor de Dona Dalva, no que se prova seu desinteresse material, pois nem receitas havia mais para aviar na farmácia, todos os tratamentos vinham do Além, por intermédio dele, na base de garrafadas, agüinhas, passes e invocações. Sri Elvizir Mattar sarou corpos e almas, e descobriu tesouro encoberto. Fez mais: não se tinha, há muito, noticia de Jonas do Prado, revelou-o em São Paulo, seguiu com as tropas legalistas, estava sargento. Escreveram-lhe, respondeu. O mesmo não acontecera a Alcedo, também desaparecido. Sri Elvizir Mattar convocou o Astral, Alcedo morrera, herói, num combate no pampa. Era lógico. Nunca se vira coragem tão macha, pensara até antes, ainda aluno do Liceu, em se alistar para combater Lampião. Garboso era quando o viram partir, comissionado em segundo-tenente, sentara praça por um capricho à-toa, briga de namorado. A família compareceu à sessão, conversou com

o espírito de Alcedo, não guardassem rancor da moça, do outro lado do mundo e ainda a amava. Era ele, sem dúvida, a voz, os sentimentos, as lembranças... A teosofia triunfava, a tal ponta que o Senhor Bispo saiu-se dos seus cuidados para advertir em sermão de domingo na catedral contra os demônios do espiritismo e as ciladas do Diabo. O próprio Governador, recebendo notícia confidencial dos bons sucessos pelos seus informantes habituais, habilmente infiltrados, sentou-se a uma mesa, onde Sri Elvizir Mattar conversava às pancadinhas, por todos esperadas e ouvidas, só por ele entendidas e traduzidas. Mas os médicos, talvez assustados da concorrência, apertaram a vigilância. Apareceu carta de Alcedo, vinda de Porto Alegre. Dona Dalva pôs em dúvida letra e mesmo envelope. O debate começava a ganhar as folhas, quando uma noite Benedito anoiteceu e não amanheceu. Fugira, amedrontado? Sri Elvizir Mattar deixou mensagem espiritual, não queria mais problemas para Dalva, a intolerância se casara com a ganância, rimava e era verdade, sob a capa da religião e da ciência, a cidade não merecia a revelação, batia o pé das sandálias. No Carnaval daquele ano o Dr. Joaquim Augusto se fantasiou de mulher, de pé-de-anjo, bolsa e leque, Milcíades promotor grudou ralas barbas postiças, toda a gente riu. Eu chorei escondido, de vergonha, Dona Dalva não ligou muito, embora protestasse - apenas para não parecer acovardada, ao que ela própria dizia e possivelmente seria verdade.

A fase teosófica passou: tudo passa sobre a Terra, já estava no Eclesiastes e muita letra de fôrma repetiu. Dalva retomou à farmácia, aos partos, ao sitio. Arranjou trabalho para ensinar à noite na Escola de Comércio. Lá o destino lhe reservara uma grande decepção e uma alegria maior. A alegria chamou-se Álvaro. Álvaro, professor e também funcionário dos Correios, lhe segredou, em hora de abandono e confiança, que combinara com Benedito a ressurreição de Jonas, e mais tarde, com o Dr. Joaquim, a de Alcedo. A boca torta se entreabria num sorriso encabulado. Fizera tudo pelo

gosto de rir, era assim, um espírito alegre que, embora sem maldade, se divertia com o ridículo do mundo. Agora, conhecendo-a de perto, se arrependia sinceramente. Dalva que perdoasse. Perdoou. Não era criatura difícil. O contentamento de saber que não fora vítima no segundo casa fê-la esquecer que o fora no primeiro. Quisera trocar ensinamentos: ele se fez aluno de Química, ela de Português. Do convívio no trabalho ao casamento foi um passo, ajudado pelas caminhadas noturnas. Andavam ambos nos trinta, tinham muito tempo para viver juntos. Não tiveram. Álvaro exagerou no amor, uma tuberculose galopante (havia tuberculose naquele tempo) levou-o dos encantos morenos de Dalva. Dalva chorou muito, quando, por suas convicções espiritualistas, devia alegrar-se. Não pôs luto, mas não convocou em sessão o finado, talvez porque o soubesse tagarela e receasse divulgação de segredos maiores e íntimos. Casar e enviuvar, fora tudo tão rápido... Então, apesar de toda a sua força espiritual, não se sabe o que seria dela. Valeu-lhe a amizade lá de casa, onde por vezes aparecia até em noite de tempestade, enfrentando lameiro de sapo e força de enxurrada. Também uma prima, Susana, bem casada, veio morar com ela, acudiu-lhe com gemadas e conselhos. O principal deles era uma viagem ao Sul. O primo tomara conta da farmácia. Nem havia o problema de companhia: ela era lá mulher para precisar de companhia! E se fosse à Europa? Vendeu um gadinho, aceitara as gemadas, aceitou o conselho. Não encontrou Benedito, alias Júlio Cesar, alias Sri Elvizir Mattar, nem soube ou mesmo procurou notícias dele. Quase um ano passou. Viu Paris, o Minho e a Terra Santa, onde cruzou com o Padre Matias. Quando chegou de volta, a cidade toda atravessou o rio para recebê-la na estação de trem do outro lado, o Dr. Joaquim Augusto entre os primeiros. Encontrou os possuídos florescentes, a farmácia prospera, as contas em ordem, o sitio vendendo cargas de fruta para o mercado, carnaúba ajustada a bom preço para o casa de que quisesse refazer o teto. Tudo devia a Susana, lhe disse. Fez de

Ernesto (chamava-se Ernesto o marido de Susana) sócio. Era uma forma de agradecer a ela. E de agravar a decepção dos pessimistas de ma língua, que tinham profetizado como certo, inevitável, o desfalque com que ele nem sonhara.

Susana dera-lhe um gerente como nenhum, depois um sócio correto. Deu-lhe também um marido, o marido perfeito. Morreu nos braços de ambos, daquela doença ma, sempre alegre apesar das dores, emagrecida mas não desfigurada, pedindo-lhes que — por amor dela — se amassem, se casassem. Seria um jeito de continuar a amá-la. Fizeram-lhe a vontade.

Uma vez que comecei, irei até o fim. Ernesto, fiel marido de Susana, não o foi menos de Dalva. A monogamia nele era um acontecido da natureza, mais mesmo do que um hábito. Amor? Não sei. Não direi que não estivessem mais em idade de amar-se. Talvez fosse amor. Já ela não se exauria socorrendo partos. Os dois atendiam ao mesmo tempo na farmácia aumentada. Dalva tinha a mania das plantas, Seu Ernesto a dos bichos, se completaram. Ai eu, já mais taludo, ia ver lá na quinta, aos feriados e domingos, tudo que era bicha amansado, inclusive um casal de guaximins, que se sentavam, tomavam banho com sabonete, usavam laço de fita no pescoço e meu tio Zezinho sustentava serem capazes de apertar garganta de menino. Havia mesmo tatu e preguiça, e até ajudei a plantar umbaúba.

Comentou-se muito:

— Umbaúba! Plantar umbaúba! Umbaúba não é pau...

Porém ela é que tinha razão: preguiça, o de que gosta é de broto de umbaúba.

Um jacamim — measureiro pernalta vestido de preto, com reflexos metálicos esverdeados — assustava os vizinhos e os passantes com os esturros e cuidava das galinhas. Marrequinhas alegravam.

Saracuras acordavam cantando à meia-noite, trocando as horas.

Para adubar as plantas Dona Dalva quis comprar o mijo das vacas de Seu Ferraz. E ele:

— Vender, não vendo, mas amarre o que quiser para apañhar, que é todo seu...

Riu-se, desistiu.

Seu Ernesto, meticoloso e atento, amava os detalhes e, por causa deles, a ordem geral das coisas. Dalva empreendeu, então, realizar, com sua ajuda espontânea e vigilante, velho projeto dos tempos de estudante de farmácia. Reformou a quinta dentro de espírito científico e classificatório. Criatura feita de grito e de paina, de cálculo e de ímpeto, imaginou reduzir à ordenação exata as liberdades criadoras da natureza. E pôs-se a fazê-lo, com um chapeirão de palha e um velho tratado de botânica de Caminhoá debaixo do braço. Começou por agregar a família toda dos umbus e das cajás, e mais além. Gostou da experiência e congregou as anonas, que enumerava na sinonímia rica, pesquisando as denominações de terra em terra: juntou espécies refinadas e selvagens, até do bruto-cagão não se envergonhou, arranjou muda de cherimoia no estrangeiro, por encomenda trabalhosa ao Dr. Joaquim Augusto, em viagem pelas estranjas. Plantou mesmo um pé de desprezível, viscoso biribá... E assim foi adiante, sustentando, com estrume, paixão e cavador, embora par vezes descansasse numa cadeira de pano, uma nova e mais verdadeira lei da natureza, com a terra obediente à taxionomia... Eu ainda hoje sinto na boca o azedinho dos arcaças e me desmancho em saliva porque, por justaposição terrestre, penso logo a seguir nas goiabas, e então me invade as narinas o cheiro dos doces que a Comodre Norberta mexia nos grandes tachos rubros, o perfume da lenha seca vencido aos poucos, substituído pelo penetrante avanço vermelho da massa, que se deixava misturar de açúcar e se

transformava em goiabada, ou pelo flutuar das cumbucas róseas dançando doidas nas caldas... Norberta dava-me depois a vasilha ainda quente para as lambidelas dos dedos; e melhor, melhor mesmo, só doce de buriti acabado de fazer no sítio, mas isso não se fala agora. Resta lembrar o dia em que Dona Dalva, sob o entusiasmo consentidor de seu Ernesto, se cansou de arrumar e rearrumar a natureza, e com ela a própria quinta, e desafiou-a, a essa mesma natureza, enterrando em chão do Equador as plantas do jardim da Europa pêra, uva e maçã. “Sua mãe, me dizia, foi quem me deu o exemplo, consegui jabuticaba no Olho d’Água da Prata.” Assim, tendo previamente estabelecido a ordem e a harmonia da natureza, ela proclamava a liberdade e o poder do homem, o direito à aventura, e mesmo ao disparate, o instinto de ousar e de mudar, o grito isolado da invenção e do indivíduo. “A terra não tem vontade!” Mas duvidava: “Ou será que tem?” Para ela, não tinha.

Por essa época sobrevieram grandes festas. Seria centenário da vila, não sei bem. Dentro delas se improvisaram corridas de cavalo, serviu de prado a estrada velha no escalvado das Canoas, já depois das últimas casas de palha. Não havia ainda o Jóquei, fundado muitos anos depois. Mas o Prefeito desdobrou-se, a amplificadora atroou os ares, fez-se a convocação de casa em casa, de fazenda em fazenda. Príncipe, o cavalo de Seu Ernesto, correu no páreo principal. Era castanho... “Cavalo castanho escuro / pisa no mole e no duro / carrega seu dono seguro”, Seu Ernesto gostava de repetir, mesmo cantarolar, quando estava de bom humor e o café da manha fora bem torrado, bem moído, bem passado. Príncipe era o nome abreviado. Dalva batizara-o de Príncipe Perfeito, e dir-se-ia que o nome era exato. Tinha todos os sinais, Mundoca tratava-o, estava no trinque. Mas seria cavala para corrida? Seu Ernesto hesitou muito, meu Pai animou-o: “Que é que você tem a perder?” Dalva concordou talvez envaidecida por participar da festa que crescia na imaginação universal, e com sua montaria predileta, sem defeito.

Lembro-me vagamente do mundo de povo, os arcos de taquara, os pés de pati, a pesagem do Ferreiro, antigo aluno de Dalva na escola. Ia ser o jóquei. Meu Pai apostara alto, discutiu, aborreceu-se com a escolha: “o Ferreiro é besta que cai de pau, comodre! E é poltrão também!” Mas Dalva, essa, confiava (ou sem que apenas não queria dar o braço a torcer?): “Preto quando é bom e leal... O Ferreiro vai dar tudo. Que nem o cavalo. Ou mais até. Vai tirar a carreira toda do Príncipe.” Mas meu Pai: “Comodre, o pessoal do Brejão mandou buscar jóquei no Sul, esta levando a coisa muito a peito, todo o cuidado é pouco...” “Compadre, sei que você apostou de mais, lhe devolvo o dinheiro. O jóquei pode ter defeito, o cavalo, não...” “Preferia que fosse o contrário, mas apostei, está apostado!” Palavras mal faladas, pois eis o que aconteceu (e conta ainda hoje com alguma vergonha, já que Ferreiro, embora muito mais velho, foi amigo da minha infância, fez arapuça pra mim): iam empatados Príncipe e Sabiá, Príncipe começava a passar, ameaçava disparado, o jóquei do Sul gritou para Ferreiro: “Para!”, Ferreiro parou, meio agoniado, talvez porque o outro fosse branco, subissem nele séculos de oito. Foi apenas um segundo, hesitou, parava ou não?, já decidira (contava depois), quando os gritos encheram o ar: “pra frente!”, “não para!”, continuou, voou, fincou o pé na ilharga, Príncipe passava de novo quando o sulista encostou, surrou o grande ganhão rival no pescoço, na testa, nos olhos, Ferreiro medrou, tenteou a rédea, segurou-se na sela, ainda seguiu, ainda voou, disparou de novo, não venceu por menos de meia cabeça. Foi um deus-nos-acuda, ferveu a discussão, anula, não anula, chegou-se a puxar revólver, o Major Chefe de Polícia conferenciou, a trapaça estava na cara, renovou-se o páreo: minha gente muito exaltada. Seu Ernesto nervoso com pena do cavalo, Dalva calmíssima, de amazona e botas de couro de veados. Os outros concorrentes sonhavam novas apostas, possibilidades renovadas, o pessoal do Brejão achava que agora era um caso de honra, faziam todos questão de repetir muitas vezes, despediram

na horinha o paulista que lhes enxovalhara o nome. Correu-se de novo. Eis que se dá o sinal, eis que Príncipe sai na frente, corre na frente, chega na frente por todo um corpo. Mas quem montou o vencedor não foi o Ferreiro, coitado, chorava feito bezerro acabado de apartar. Quem ganhou a corrida foi Dalva. Ainda os contrários quiseram argumentar que fora Ferreiro o registrado com o cavalo e o páreo era simples repetição. Mas eles próprios não tinham mudado? Que Dalva não se pesara. Mas era mulher de mais de cinqüenta quilos? E quem tinha lá coragem de desobedecer ao mundo de chapéus que subiam para o ar (ainda se usava chapéu), vitoriando, uma alegria geral, as risadas, mesmo os vencidos achavam graça? O olhar de Seu Ernesto banhava Dalva de gratidão. E de amor.

Amor? Digo sem piscar olho: amor. E dos grandes. Seu Ernesto nunca mais deixou o Príncipe ou outro cavalo seu entrar em corrida. Montavam só ele e Dalva, que um e outro eram a mesma coisa, o mesmo ser. Sim, também ela, os dois. Nessa concessão havia, além da prova da total unidade, a memória do caminho que a ela conduziria. Amor? Amor enorme. Não argumento só com a alegria com que contemplava a mulher montada no Príncipe. Seu Ernesto não criava galo de briga. Nem seus cachorros – Rio Negro, Amazonas, Acre, São Francisco, Parnaíba, Uruguai, Tocantins, Xingu – sistemas hidrográficos inteiros com orgulho patriótico formados – tomavam parte nas lutas que dividiam com apostas de esquipados e rinhas a vida esportiva da vila. Brabos (menos com ele e Dalva), espalhavam um terror que desafiava o mundo por falta de adversário. Foi quando um lindo cão recém-chegado, em quem depositara grandes esperanças e que destinava a se chamar Paraguai, Paraguai ou Tapajós, ainda não decidira, deveria ser Paraguai, alçou de repente (tinha meio sangue de lobo), e avançou feio e forte para um menino que colhia carambolas. Ainda arrancou do pretinho um pedaço da coxa antes que Dalva, que acudira aos gritos infantis e não se fez obedecer, mesmo metendo-lhe as mãos

na coleira e na pele do cachaço, lhe partisse a cabeça com a bengala de castão de ouro, onde mandara gravar a data do segundo casamento. O cachorro morto, o menino sangrando, desmaiado no chão, a bengala partida, mas o primeiro gesto de Seu Ernesto foi para Dalva: “Você está bem?” Estava. Quanto ao garoto, levaram José Maria (nunca permitiram apelido: foi sempre José Maria) para casa. Não sei se teria tido mão de médico mais sábia do que a de Dalva, carinho materno mais doce e constante do que o dela, paciência paterna como a de Seu Ernesto, ausente toda uma semana da farmácia. Criaram José Maria, que foi ficando por lá mesmo depois que sarou. Deram-lhe um quarto no quintal. No mais, foi como o filho que não tiveram. Estudou em colégio particular. Aprendeu até alemão. Teve professor em casa. E hoje, quando às vezes me visita, nos intervalos da sua faina de médico ilustre, falamos sempre deles, sobretudo dela, e me mostra a grande cicatriz lisa na coxa morena.

Amor? Talvez fosse. Devia ser. Parecia. Durou dez anos. Olhando para trás, e vendo o choque que foi para Dona Dalva a morte de Seu Ernesto, creio que foi amor. Até jurar, juro que foi amor. O tiro o pegou por acaso, num tiroteio de política, coisa em que sempre recusara entrar: atendia no balcão, a po lícia veio atirando, um homem caiu na porta, quando acorreu para acudir uma bala perdida o matou. Morreu na horinha. Dalva, num repente, vendeu tudo, mudou de terra. Estava muito desesperada. A vida não valia a pena.

Notícia vinha de longe em longe. Zelinda, cria da nossa casa, humilde, alegre, lindíssima, fora com ela (para grande pena de todos, inclusive minha, que eu secretamente a amava sem saber), apareceu um dia. Contava histórias esquisitas, Dalva dirigindo uma pensão. “E a farmácia?” “Da nome a uma. Mas a pensão é mais divertida, muito alegre, rende mais. Tem muita moça.” Passou poucas semanas. Antes de voltar, chamou meu Pai, lhe disse uma coisa que

o deixou preocupado. Quis escutar, ouvi um fiapo: “Ela acha tudo muito natural”, me puseram para fora. Ele só à minha Mãe contou. Mas eu agora o via muitas vezes absorto, atolado em pensar que punha a mão sem cair direito no sapato em que punha meia sola, sua diversão dos domingos.

Deve ter sido por isso que meu Pai não hesitou quando recebeu aquele telegrama. Eu ai já me entendia por gente, o resta contei por saber. Seria qualquer coisa como “Venha urgente”. Foi. Meteu minha Mãe e a mim num trem, comemos pão com goiabada num sobrado em São Luis, no outro dia tomamos o vapor.

Mas não achamos Dalva na casa de pensão. Ninguém sabia dela, deixara carta, voltaria num mês. Tudo muito lindo, mulheres tão macias que despertavam coisas, tapetes, veludos, vitrolas, quimonos entreabertos... Eu nunca jamais vira quimono... Uma delas atravessou a sala para o banheiro embrulhada só na toalha... Ah! fiquei não sei como, ainda não era homem feito mas adivinhava meio tonto... E os velhos também entre pasmos e resignados, minha Mãe chorava, meu Pai saía para tratar dos negócios de Dalva na policia, só falava em fechar a casa. Para onde iriam as moças? E por que na polícia? Zelinda também não apareceu, as moças diziam que antes da viagem de Dalva ela já era rara, depois sumira, fui com meu Pai a Ricardo de Albuquerque, no subúrbio, andamos indagando, foi difícil mas terminamos acertando com a casa, tinha morrido quase de repente, dera de emagrecer, não era da faina de lavar e passar ferro, mas algum grande desgosto. Havia uma carta, em envelope, grande, para meu Pai, como se ela soubesse de certeza que ele haveria de aparecer. Deu-nos aquela dor, mesmo meu Pai, o homem de mais coragem que vi na vida, teve pena de contar a minha Mãe. De Dalva nem noticia. O tempo voou. No fim até que já estávamos amigos das moças, uma delas se ofereceu para ficar com os móveis, o contrato de aluguel, me tomou no colo, passou a

mão no meu rosto, e minha Mãe não se zangou.

Muito depois - digamos, um lustro, vai para mais, vai para menos - Dalva apareceu.

Morávamos já então na casa do subúrbio que fora de Zelinda, herança dela, capricho do velho. Dalva parecia que se despedira da gente na véspera. Continuava de pé-de-anjo, posto fora da moda, mas nela sempre assente e imaculado, sem toque do barro da rua suburbana. Foi quando fez aquela proposta esquisita das minhas soluções sexuais. Disse aos compadres:

— Vou casar de novo.

E como eles estranhassem, “na sua idade?”, “com quem?”, “mas a verdade é que você ainda esta bonita e forte”, a voz se alteou quase áspera:

— Não me iludo, não. Nunca. Vocês me conhecem. Sei que estou ficando velha. Não tenho mais os encantos da mocidade. Mas não posso passar sem homem. Vocês dirão: “Sem marido”. E eu digo: “Sim, sem marido que cuide das minhas coisas mas também sem homem que me agrade, me satisfaça, para dormir comigo. E se tenho de comprar marido vou comprar um homem novo e bonito. Um cavalo de raça.”

Voltou à terra. Encontrou esse cavalo de raça, alto e forte, não hesitou, casou com ele... Recomprou o sitio, reabriu a farmácia. Meteu-se, mesmo, em política, quis fazer dele um grande na cidade, perdeu, ele, derrotado, amunhecou, ela não: sempre de cabeça alta. Trabalhava sem parar, pintava bem preto o cabelo, atendia no balcão, aconselhava remédio, calçava sapato de salto, contava de noite as frutas que caíam no chão da quinta mas continuava a acudir de graça aos partos nas casas de palha dos agregados, gostava sempre muito da vida, vivia polegada por polegada, não pensava em fazer testamento.

Por esse tempo sobreveio desavença de agregado, que muito desgostou Dona Dalva. Miguel Fulô aparecera um dia com a mulher, cearense também como ele, mas de olho azul e muito branca. Era habilidoso para plantar. Pediu terreno, Dona Dalva deu. Fez casa de barro e telha, não de palha. Chegou logo tempo das laranjeiras enxertadas carregarem. Mas as cargas que Miguel Fulô levava ao mercado não estouravam os jacás apenas com as laranjas-dabaia, maduronas, grandes e doces, e muito cajuí da chapada, bacuri da moita, pequi caído do pé. Era fruta que não acabava mais - e do pomar alheio... A principio Dona Dalva não acreditou, nem quando lhe disseram que Raimundo Julio, seu marido, fora visto conversando com Maria do Rosario, a dona cearense. Há de ter chegado a Miguel Fulô algum susto pois o certo é que, numa daquelas manhas frescas de maio, depois do café, despontou na casa grande. Levava um cofo de jenipapos - e estavam se derramando, se desbeirando, se desmanchando uns sobre os outros. Ela, entretanto, não se mostrou agradecida: “Miguel Fulô, você não presta mesmo... Todo dia aparece no mercado com frutas que não plantou, cacau, limão-doce, ata de gomo graúdo, e quando soube que tive notícia vem querer me amansar com comida de porco. Eu lá uma vez ou outra, em tarde de muito calor, sou capaz de tomar um copo de jenipapo com leite, mas jenipapo não basta para adormecer raiva de ninguém... Ainda se você me trouxesse do mato alguma novidade mais rara - marmelada, puçá, jacarecatinga, boipeva, olho-de-boi - provava ao menos que se cansou procurando... Eu devia te dar na cara com esse cofo. Você se dê por feliz de não ter trazido jatobá, que mandava te enfiar no traseiro, ou tuturubá, que você ia comer um a um, morria entalado, sem direito a um caneco de água, sufocado que nem bode com raiva quando se engasga com tuturubá.”

Uma idéia lhe trouxe um sorriso ao rosto.

— Olha, Miguel Fulô, vamos fazer um negocio:

Você anda cinco passos e depois começa a correr que vou te jogar, um de cada vez, estes jenipapos podres. Se nenhum acertar, você pode continuar na Gameleira, ficar lá no seu cercado.

Mas fosse má pontaria, voluntária ou não, de Dona Dalva, fosse pernas para que te quero do Miguel Fulô, nenhum projétil o atingiu. Foram todos se desmanchar no chão.

Nessa mesma tarde Raimundo Julio mandou recado ao casal: saíssem até de manhã. Às oito horas ia lá caçar Miguel na bala – se ele ainda estivesse.

Não admitia desaforo com Dona Dalva. E só não dava prazo mais curto para não ter de acordar cedo por causa de cabra safado.

Ele próprio contou o acontecido a Dona Dalva, muito ganjento, muito brabo, muito disposto. Ela, ao que parece, achou que debaixo daquele angu tinha carne, não disse nada, guardou um silêncio danado, um silêncio comprido; e quando o marido entrou depois do almoço para se deitar na rede da alcova, mandou selar o cavalo, apareceu na casa de Miguel Fulô:

— Miguel, soube do que aconteceu. Não desfaço ordem de meu homem, aqui não é casa de Gonçalo, onde galinha manda mais do que o galo. Por mim me dava por bem paga com tua corrida de ontem. Foi a coisa mais engraçada deste mundo. Mas Seu Raimundo Julio mandou você sair, está mandado, sai. E sai antes da hora que ele marcou que em terra minha não se desobedece ordem do dono. Mas também não se mata por causa de carga de fruta ou de umas braças de chão.

Tirou um dinheiro grosso, amarrado em cruz com embira, de dentro do alforje.

— Era todo o dinheiro que tinha em casa mas paga de sobra tuas benfeitorias. Por mim você não saia, porém agora o jeito é

meter o pé no mundo. Você é um mané-mole, não tem jeito, mas é um homem bom, tem gosto por planta. Vou rezar no rumo do seu caminho. Mas me faça um favor, Miguel Fulô: leve com você sua mulherinha, não me deixe nem cheiro dessa sirigaita da Rosário.

Miguel Fulô saiu de madrugada. Dona Dalva achou flores de sapucaia na janela, um cambo de mandubés, fidalgos, mandis, peixes do seu gosto, no canto do oitão, um recado mal rabiscado, em papel de caderno, com o vaqueiro: “Dona Dalva, a senhora é uma santa. Não merece o marido que tem. Sou seu amigo.” E depois do nome Miguel havia um desenho de flor... Ficou ainda com uma pena maior. Disseram-lhe que Miguel Fulô jurara de morte Seu Raimundo Júlio. Não acreditou.

A vida continuou para a frente. Ela se sentia envelhecer, mas não se entregou nunca, nem mesmo quando a morte apareceu, uma noite, alta noite. No silêncio chegou, sob a forma de quatro mãos que lhe apertavam o pescoço. Acordou, estrebuchou, resistiu, desvencilhou-se, pulou. “Metete o ferro!” Apanhou a primeira coisa ao alcance da mão, bateu, gritou muito, ninguém acudiu. O marido andava viajando. Nunca soube como nem por que desistiram, fugiram. Julgou reconhecer a fala.

Na madrugada a chuva apagou os rastros dos cavalos. Já andariam longe. Mas Dona Dalva não se ocupou em procurar criminoso. Sentiu-se feliz de não haver mancha de sangue. Às vezes recordava a voz.

O certo é que Raimundo Julio não voltou na terça-feira, nem nunca mais.

Ainda esperou uns tempos. Mas o fogacho da mudança da idade já se fora, o fogo dos sentidos durara mais do que devia, escreveu lá para casa. Dava tudo por visto.

No sábado de Aleluia mandou fazer matalotagem de uma

novilha nova, ainda não coberta por touro nenhum, com quatro dedos de gordura no peito. Um pretinho apanhou uma cuia grande de guabiraba. Preparou ela mesma graviola com leite. Pegou ao acaso um romance policial. Quebrou na laranjeira do portão um galho florido. Que cheiro de outrora! Deitou-se na rede armada na mangueira grande, em frente do alpendre. Era uma rede de São Bento, rede de linha com caxinguelês bordados na varanda e no centro uma inscrição: Sou Feliz.

A tarde, plantou de galho um pé de serigüela.

Pensava: “Precisa me poupar da acidez das coisas, das traições da vida. Preciso dessa fruta, ora de um doce quase doce por demais, ora de um doce quase sem doce.”

Quem sabe, começaria a fumar? Nunca o fizera. Beber de cair era degradante, bebericar já saboreara, com gosto, algum conhaque, até mesmo goles de cachaça com limão. Beber não adiantava muito. Tia Rosa pitava em cachimbos de barro, Tia Hortência não se envergonhava dos charutos, e se a memória não traía entre outras parentas velhas se mascava. Um poeta escrevera: “Fumo abençoado, que és amargo e abjeto.” Mas era tarde para se iniciar em vício novo. Homem, nem pensava em arriscar mais.

No ano seguinte, o pé de serigüela se cobriu com seu vestido pintalgado de frutos. Acompanhou-os, do intenso nascer verde-escuro ao amarelo, ao laranja, ao cor-de-rosa salpicado dos vermelhos da aurora.

E ainda os colheu.

Era noite de luar depois de chuva forte. Havia um cheiro de terra molhada e rumor orquestrado de sapo, muito, sapo e grilo. Estirou-se na rede. Identificou os barulhos da sombra lá fora – todos – passos de cavalo, mugido de vacas, choro de mãe-da-lua, relinchos de éguas em alvoroço. O coração parou de repente. Morreu sem gemer. Parece que até chegou a dormir.

Jasmins do Líbano

**“Vem comigo do Líbano, ó esposa,
vem comigo do Líbano!”**

Cântico dos Cânticos, 4, 8

I

História de Olga

Foi muita bondade sua vir me visitar aqui neste escondido da guerra civil mais infeliz só para trazer notícia de minha filha. O senhor sabe, dantes Lara de longe em longe me escrevia, mas de longe em longe, herdou isso de mim, sou mais de fala do que de escrita, me dá um sono de morte à noite quando pego no papel e olho para o espaço em branco desafiante, e de dia cadê tempo?, sempre tenho outras coisas para fazer. Mas foi só esse defeito que ela puxou à mãe, e é por isso que fico satisfeita de ver alguém assim como o senhor dar notícia tão boa da filha que mora em terra tão longe. É sempre uma alegria no meio dessa desgraça geral. Meu coração se abriu para receber tudo o que disse e se fechou para guardar essa abelha que vai ficar lá dentro fazendo mel e me perfumando a vida. O senhor já viu dessas ostras que tocadas se fecham mas guardam o corte e dizem que vira pérola? Pois o senhor me botou hoje uma pérola aqui dentro. Sabe, somos duas mulheres de gênio difícil, todas duas. Fica esquisito falar de minha filha desse jeito, dizer mulher, duas mulheres, eu e ela, estou sempre vendo Lara no

colo, a palavra mulher não assenta, é como se tivesse uma pedra na boca atrapalhando a fala, quando era menina brincávamos assim no Líbano. Mas Iara já nasceu brasileira, não vê o nome? Eu mesma fui para o Norte do Brasil pequena, pequenina, e esqueci o árabe, que já quase não se falava e sobretudo não se ensinava lá em casa. Reaprendi quando voltei e hoje falo mal as duas línguas, falo mal o francês também, escrever nem se fala, isso me doi, foi um erro dos velhos, devia ter estudado árabe e francês até o fim, bem mesmo, francês do Liceu era ruim, mais gramática e mal, conversar árabe e francês em casa seria tão fácil.

A primeira insubmissa da família fui eu, não Iasmine, sei que Iara não contou, lhe conto, isto é, conta se quiser, para entreter o tempo enquanto o senhor espera o carro. As duas irmãs mais velhas casaram com noivo escolhido desde menino, todos parentes, honraram o compromisso e o dote. A terceira filha fui eu e a quarta Iasmine, mas sua história e a minha se misturam. Eu desde cedo estava prometida a Elias, recebi mesmo o anel e os presentes, mas me criei solta lá no Norte e quando vi o coitado do Elias chegar compreendi que não era o homem do meu destino, compreendi ou já sabia, pois é. Fui menina impossível e tomei banho no poço das mulheres ainda nem moça tinha ficado. Foi num domingo de sol e conversa geral. O pessoal do Liceu nadava ou mergulhava de pulo e cangapé. Cada risada... Umas mais doidas conversavam nuas ou só de camisa na beira do rio, ainda não se usava maiô ou nem todas tinham, quando se ouviu um barulhinho de canoa com motor de popa, tectectactactac, caiu todo mundo n'água, eu me aventurei a ir perto, até o meio de onde vinham os gritos, o moço tinha olho azul e me disse “sobe” e eu subi envergonhada, mas ainda nem tinha peito, era uma tábua e a camisola cobria tudo, ele riu e brincou: “Vou esperar você ficar mulher, quem é você?” Pulei no rio e nadei assustada, meu coração batia muito, que maluquice! Apanhei uma febre e quase morri. Fiquei moça de um dia para outro e já

estava no quarto ano quando chegou Elias, tomei comigo mesma a decisão: “Não caso.” De noite ficava “caso”, “não caso”, terminava sempre em “não caso”. Mas tive lá coragem de enfrentar pai e mãe, ouvir os velhos dizer que estava era desonrando pai e mãe? Fugi de madrugada, e pior: me aconselhei com Dona Dalva, me disse: “Não casa não, minha filha, não se escravize, não faça essa tolice”, fui antes, de noitinha, pra pensão da Rosa do Banco, perto da minha casa, a filha mais velha dela era minha colega de Liceu, dormi no quarto dela, a Rosa me tratou com respeito e carinho. Fugi depois antes de amanhecer não de trem ou de caminhão mas de vapor pelo rio, Dona Dalva e a Rosa tinham ajustado tudo, vapor era condução que ninguém andava mais, como é que haviam de me buscar em vapor? Não buscaram. E bom foi que não tivessem procurado, porque aquele olho azul eu já conhecia e viajava agora no Parnaíba. Chamava-se Thomas, fiquei sabendo, era o imediato, mas na verdade era quem mandava no barco. Chamava-se Thomas e só nos separamos quando ele morreu. Não reconheceu a menina que subira na canoa mas no primeiro instante em que me viu a sós logo falou de amor e me pediu a mão. Me entalei sem saber o que responder mas desde que saí de casa vinha disposta a tudo, voltar queria dizer voltar para Elias, Elias não tinha culpa, acho que ele próprio não fazia muito gosto, mas que jeito? E, depois, Thomas tinha o olho tão azul... Casar com um homem pobre que nem brasileiro era!... Pior só se casasse com mulato ou soldado, libanês não gosta de casamento com militar não por medo de arma mas porque só pensa em ter as filhas perto, se passível! Morando na mesma casa ou casa pegada, militar não oferece segurança, vive viajando. E também não tem preconceito de raça, pudera, mas tem vergonha de sangue de escravo, e houve avô preto que não fosse cativo? E depois, quem sabe, a cor vai rebentar num neto... Thomas não era militar, muito menos mulato, pelo contrário branco, mais para vermelho, e se o sol queimava muito a pele, enruivava. Embora es-

cocês de nascimento, só muito vagamente se sentia escocês – como eu libanesa, por exemplo. Ou pior ainda. O pai, viúvo, veio montar os vapores da companhia de navegação do rio: o material foi todo comprado na Inglaterra pelo velho Agripina. Era só o que Thomas tinha de estrangeiro, o lugar em que nasceu: viajou de navio para o Brasil mal começava a andar, criou-se nas ruas da beira do rio feito moleque, e se depois pôde aceitar o cargo de professor no Liceu é porque falava inglês em casa. Era também maçom, outra herança do pai, e me deixou a pensão da Maçonaria escocesa que hoje me garante a velhice. Mas se figure isso, lhe peço uma moça libanesa casada com um protestante inglês! porque para meus pais tudo era Inglaterra e herege. Casei sem pedir a bênção nem mesmo o consentimento dos velhos, sabia que não teria. Casei escondido. Ainda no vapor já tinha casado, o que se chama na verdade casar. Foi um horror quando souberam. Valeu-me que sírio-libanês não agüenta saber de neto existindo sem querer ver, pegar, dengar, quando Lara nasceu mandei dizer, durou um pouco mas dai a dois anos entrava porta adentro com a menina no colo.

Não me pergunte se quero morrer sem voltar por aquelas bandas do Norte do Brasil. Prefiro não falar. Às vezes me esqueço imaginando, revendo no sonho acordado meu Pai em companhia de Seu Eduardo Aboud, provando farinha-d'água no mercado, a mão mergulhando de paneiro em paneiro, o arremesso dos caroços à boca, a comparação minuciosa, repetida repetida. Certas ocasiões até comprava de mais de um vendedor, e acho que só para se sentir louvado: “Moço bom, quer ajudar nós.” O mesmo fazia Seu Eduardo, que tanto tinha de gordo como de inteligente.

Quando era menina nunca tive cerca. Circulava de uma casa a outra, um quibe aqui, um pastel acolá. Tanto andava pela Rua Grande com as lojas de nome cheirando a França - Au Bon Marché. Paris na América, Seda Francesa, Galerias Lafayette - como me

escarafunchava pelo mercado, tentando em vão entender fiapos de conversa em árabe, apanhando no chão o jornal que meus pais não queriam me ensinar a ler, ouvindo fascinada o barulho dos dados, o bater das cartas, o vultear das pedras no gamão ou espiando o engatilhar das figuras do dominó, que se articulavam, engatavam, avançavam. Uma vez fui denunciada em casa e levei uma surra de chinelo para não pisar mais lá: “Mercado é lugar de moleque! Menina de família não anda de pé no chão naquela sujeira!”

Quem olhava de fora pensava que havia classes na colônia: os ricos na Rua Grande, falando não só árabe mas também francês, os outros tagarelando alto, trocando desaforo no mal dito árabe em redor do mercado, com as tatuagens nos antebraços, as mangas das camisas torcidas e seguras por uma liga de elástico, e lá embaixo os mascates, que enfrentavam o sol com as matracas, os teque-teques de metro, anunciando as fazendas. Foi assim que Rachid chegou, mas não levou muito tempo o mostruário passou de sua cabeça para a do moleque Luis e da cabeça do Luis para uma loja do outro lado do rio. Não havia separação de amor nessas diferenças da sorte. Sorte não se discute, um era rico, outro pobre, mas o pobre podia prosperar e o rico falir, que importa?, a colônia funcionava como se fosse uma só e imensa família, os problemas se interpenetrando com as ajudas. Como em toda família, às vezes estourava uma briga, mas toda a gente se conhecia e se sentia ligada pelo mistério das lembranças comuns. Os carcamanos... Todos comiam as mesmas comidas, o trigo e o gergelim os uniam, e podiam deixar de ensinar árabe aos meninos para abasileirá-los mais depressa, os filhos guardariam para sempre o gosto da folha das parreiras, plantadas pela mão deles mesmos na alegre desordem da infância, e plantadas não para colher as uvas mas para aproveitar as folhas nos charutos - o quibe e o charuto viraram pratos brasileiros...

Cheguei menina, cresci, tive noivo libanês e casei com outro

homem, que nem brasileiro era, mas continuei acolhida em todas as casas como filha. E hoje, quando vejo que os tempos mudaram, já quase não se acha quem cuide das lojas, dos armarinhos, das casas comissárias de outrora, porque as netas casaram com doutor e os netos se formaram lá pelo Sul e casaram com filha de doutor, penso que meu pecado não foi tão grande assim. Agora negócio é tudo grande, neto é tudo brasileiro e tudo doutor, mas muito ajudou quem, como eu, foi quebrando aquele isolamento, saindo daquele mundo fechado...

Paguei uns anos machucados pelo que parecia aos mais velhos ser um erro, só que não era erro, graças a Deus não errei. Quando Lara nasceu, Thomas fez questão desse nome bem brasileiro para marcar minha aparição no meio das águas, na noite em que da canoa passei para o Barão. Era uma menina fugindo, uma doida. Doida? Doida nada, fui muito feliz com ele, enquanto viveu. E como lhe disse, sírio-libanês não resiste à voz do sangue, saber que a filha fugida lhe dera uma neta e não ver a menina não era coisa para minha Mãe, e meu Pai não sabia lhe negar nada. Mas isso já contei, me repito sem querer.

Devo a história de Iasmine. Quer que lhe conte, lhe contarei, já lhe prometi contar, não receie que seja como a história das casinhas azuis que na casa das minhas colegas de escola enganavam ouvido de menino. Conto mesmo. Tudo.

O caso de Iasmine engoliu o meu. Porque se deu dentro da própria colônia. Mas antes de Iasmine tenho de lhe falar de Rachid.

2

História de Rachid

Aquele Rachid de que falei casou-se com ela no meio de um verdadeiro terremoto, que sacudiu a colônia toda.

Rachid foi dos que chegaram sem eira nem beira. Dos que carregaram o mostruário na cabeça. Mas quando fundaram a Universidade e começaram a aumentar os colégios particulares, compreendeu que livro podia ser negócio. O Joaquim Felício, com seu sebo e sua bicicleta, não ia vivendo? Comprou o fundo dos livros da Casa da Moda, liquidou rasante, quase pela custo. Vendeu tratados de Direito e Medicina a prestação. Veio daí seu convívio com os doutores da cidade. Ficou íntimo das mesas de bar onde vertiginosamente, em segundos, às vezes nem se chegava a minutos, se faziam, desfaziam, refaziam e novamente desfaziam, e de novo faziam e refaziam, com lucros e prejuízos fulminantes, vendas, revendas, cessões, hipotecas, doações de terras, gados, cavalos de sela, jipes, madeira para cercas, colheitas próximas ou futuras safras. Era a que a cidade comentava e Rachid observava, se preciso financiava. Não tardou e se associou com o Dr. Gusmão Viana para abrir um poço e vender água onde não havia encanamento. Descobriu, então, o caminho dos bancos, de um lado, e do outro o dos seus fregueses de livro, sem acesso, de maneira geral, aos créditos dos cadastros, seja por neles nunca terem conseguido entrar, seja por terem entrado e saído mais de uma vez. Funcionava como uma espécie de ponte de ligação. Não estranhe meu jeito de contar, não ria, fui sempre assim, gosto de florear a narração dos casos, a vida é tão nua... Como ia dizendo, muito moço formado ficou devendo favor a Rachid: sem sua ajuda não tinha pago aluguel de casa ou comprado carro novo. Ganhou fama de agiota e mesmo de avarento. Fama injusta.

Apenas aplicava bem o dinheiro que era obrigado a devolver com juros. Seus juros eram maiores? Mas, por acaso, não se arriscava mais? E de que havia de viver? Por fim, já nem queria que lhe devolvessem o capital. Bastava pagarem a prestação com pontualidade. Era pouco. Só os juros. Ficava suave. Preferia. Não, não era agiota nem avaro. Ainda não se pagava com correção monetária... Ele via muitos doutores emprestarem dinheiro a juros, em concorrência desleal, e diziam que para as boas obras o próprio Senhor Bispo o fazia, depois que a Santa ganhou a questão e recebeu as terras grandes, dois séculos antes deixadas em testamento. Avaro? Rachid não acreditava que o nome coubesse a ninguém, mesmo Seu Inácio, Seu Domingos, Seu Juca. Uma vez um jornalista vindo do Rio perguntou a Seu Domingos se Seu Juca era avaro e Seu Domingos respondeu: “Nada disso. Essa gente fala porque ele trabalha muito. E gosta de poupar. “ E o candidato a governador, escolhido na pensão da Maroca, não era dono de banco? “Dono de banco e mão-aberta, mas as duas coisas podem lá andar juntas?”, Rachid me falou.

Se a fama era injusta, o apelido era injurioso. Doía muito nele. Chamavam Rachid de Turco Magro – para distinguir do João Turco, o Turco Gordo, dono dos cinemas. Ora, João era mesmo turco, até não se chamava João, mas turco lá isso era, enquanto que em Rachid nada podia doer mais do que batizarem o coitado de turco: árabe de muitas gerações, a propriedade que vinha nas mãos da família, de avô para neto os turcos liquidaram toda numa daquelas destruições em que se divertiam na montanha libanesa. Rachid desapareceu. Só depois é que se soube que estava justamente lá por suas terras na hora da iniquidade, e na retirada, vendo os invasores cortarem, árvore a árvore, todos os olivais, avançou desarmado contra eles e foi ferido gravemente, deixado por morto. Um pastor muçulmano recolheu o cristão ferido, escondeu debaixo da palha de uma carroça, salvou-lhe a vida. Passou a convalescença

numa cabana miserável. Depois, a pé, viajando através das noites, e se ocultando durante o dia para descansar, lentamente chegou de novo à casa do velho Abraão.

E o pai, ao revê-lo, não teve condições de contar-lhe que os malditos, voltando e não o encontrando, haviam tomado como reféns outros irmãos... Emigrou sem tostão para o Brasil, fugindo às cegas daquele recanto de dor, a casa gemia, enlouquecida, um gemido só. Por que malfeito de outra encarnação teve de pagar com aquele apelido, ele que se portou como herói contra os turcos? Por que não lhe jogavam na cara a condição de coxo? Do episódio na montanha restava, entre outras lembranças ruins, a cicatriz que o fazia manco. Não se incomodaria se aludissem a ela. Reagia feroz quando o chamavam de turco. Os outros libaneses que chegavam eram tratados de carcamanos, não gostavam mas enfim... Turco é que não. Um menino vinha, perguntava fingindo inocência: “Que língua se fala em tua terra, Rachid?” “Árabe”, respondia, caindo na armadilha. “Não fala turco, Turco Magro?” Pronto. Saía da calma, virava outro, um tigre.

3

História de Iasmine

E agora lhe falo de Iasmine, já esta custando. O nome Iasmine - jasmim em português, o senhor sabe - já por si era um começo de lindeza. Linda era também a dona dele. Não a impede, o senhor que escreve sabe melhor do que eu, que os nomes sejam tão lindos quanta as donas ou as donas tanto quanta os nomes. Mas é preciso que se diga, porque nem sempre as coisas coincidem. No casa dela,

e não é por ser minha irmã caçula, Iasmine era ainda mais bonita do que o nome.

Não foi Iasmine a prometida de Rachid. Logo que pôde ele mandou buscar noiva no Líbano, e veio Teresa, não sei qual das duas, e muita vez vi as duas juntas, era mais bonita. Os olhos dessa Teresa eram os maiores que vi num rosto humano, e talhados no jeito das amêndoas secas do Natal. Neles cabiam o mundo, a cidade, o rio, as casas, as quintas. O barulho começou com ela, que chegou, viu Rachid, e duramente lhe disse que não casava com homem que não fosse de seu querer. Na verdade, não tinha ninguém que a levasse a isso. Nenhum outro no coração. Não era uma escolha. Era uma recusa. E recusa por uma questão de princípio. Não optava: rejeitava, tímida porém firme. (Só mais tarde é que veio a se apaixonar por um moço brasileiro, a quem, ao que parece, nunca teve ocasião de declarar o sentimento que lhe inspirou, embora lhe exprobasse sempre, quando o via passar, tirando o chapéu, por baixo das janelas do casarão da Rua Grande, visitas diárias à beira do rio, onde as pensões joviais da cidade respiravam tangos. Mas ralhava em voz baixa, sussurrada, nunca por ele ouvida.) Rachid se sentiu humilhado por aquela atitude onde acreditava identificar certa repugnância física. Atribuiu-a à deformidade: não seria sentimento de casta, já ele subira bastante na vida social da colônia; nem muito menos superioridade intelectual, não chegaram a falar-se, conhecer-se, e do trato por fora com os livros, do convívio com os doutores, lhe resultara um certo polimento. Ainda quis pedir um prazo conciliatório. Recuou: sentia-se ferido no amor-próprio. Não reivindicou a devolução do dote. Sabia a família de Teresa pobre e necessitada, e viu os grandes olhos, silenciosos mas suplicantes, com que o espiaram durante a cena constrangedora, se recordava sempre deles. José, o irmão, foi quem a procurou. Entenderam-se. Transformaram as arras em empréstimo. José pagou pontualmente os juros.

O que lhe prometi foi a história de Iasmine. Eram amigas íntimas, ela e Teresa. Iasmine ficou em Beirute, e aqui, ao que me contou depois, logo que recebeu carta de Tereza, muito revoltada com todo o acontecido, procurou o Padrinho, em cuja casa se criara desde que voltara do Brasil. Não queria que lhe sucedesse faltar à palavra empenhada, mas os tempos eram outros... Se não gostasse do noivo? Prometida menina, lembrava-se vagamente do garotinho de sua idade. Quais eram seus deveres? Dava, no fundo, razão a Teresa... O velho patriarca lhe deu conselhos: “Não quero que você se sinta órfã nem vendida. São costumes tradicionais da nossa gente, que não se interrompem de um dia para outro. Agora, com a guerra, as coisas do mundo vão se precipitar, é o que sempre acontece depois delas. Bem sei que muita gente, mesmo aqui no país ou lá no Brasil, não compreendera isso, tão simples, de mandar buscar noiva no Líbano. Noiva que nunca viu antes o noivo, noivo que nunca viu antes a noiva... As arras não são uma compra: simples dote, como os presentes que vão se acumulando desde a infância, ela todos somos uma família só... A experiência mostra que esse casamento assim guiado pela mão da sorte muitas vezes dá certo. Só vi sua Madrinha no dia do noivado, ela só nesse dia Me viu, faz cinquenta anos, temos sido felizes e fiéis. Veja estas mãos de velho, o desenho das veias saltadas: depois do casamento, e foram novas durante alguns anos, nunca tocaram noutra mulher. A você, que já não é menina de escola, digo sinceramente: as mulheres do nosso povo não traem, são férteis, e o habito é por vezes uma segunda natureza, tão forte quanta o amor... E há quase sempre amizade, em geral são primos, perto ou longe mas primos... Vá, você verá muito mais gente feliz do que pensa, mas não se esqueça que lhe quero como filha, decida tranquilamente...” Sorriu, pousou-lhe a mão na cabeça: “José ainda nem arranjou dinheiro para devolver o dote de Teresa, quanto mais para pagar o seu...”

Iasmine embarcou no Líbano por obediência. Não acreditava as coisas tão fáceis assim. Magoar Teresa, recusando-lhe o irmão? Como seria esse José que entrevira em menina? Não tinha medo da travessia. Os submarinos alemães ainda respeitavam as bandeiras neutras, e viajaria em navio brasileiro. Do Brasil se lembrava muito vagamente, saía tão pequena. Tudo aquilo lhe parecia um sonho. Sonho? Um pesadelo. Tomaria a decisão na casa dos pais. Não temia por si, mas por eles. Sabia de antemão que ia ser uma luta de vontades, a sua contra a deles, que jamais compreenderiam sua recusa. O coração de seu Pai agüentaria? E o de sua Mãe? Talvez fosse melhor ter ficado... Por que viajar? Esse noivo desconhecido... Sim, conhecera, já não conhecia mais. Vira um menino que mal a olhava, vira-o de nova já graúdo, mas não o imaginava homem feito, ela mulher feita, homem e mulher de repente deitados na mesma cama. Talvez na mesma rede... Desde que chegara a Beirute, nunca mais dormira em rede. Sentia-se escrava, por mais que procurasse recordar as palavras do padrinho, apoiar-se nelas. Escrava, passando de uma a outra mão. Que tradição! Um compromisso vago entretido entre adultos, apalavrado numa conversa de família, e ei-la afrontando os riscos da guerra submarina! Chegou a desejar que o navio afundasse, me contou um dia. Também me contou que chegou a pensar (e desse pensamento se arrependia para logo, à sua revelia, vê-lo voltar e de novo se arrepender e prometer confessar-se mas sem conseguir afastar de todo e de vez a tentação) em namorar algum passageiro, entregar-se a bordo a alguém que a furtasse antes de consumir-se aquele furto maior... Mas enjoara miseravelmente nos primeiros dias. Sabia-se, entretanto, bela. As mãos tocavam os peitos, alisavam as tranças pretas... Ela me disse que se sentia a esposa de Salomão, e se repetia: “Vem comigo do Líbano, vem, esposa minha”... Via-se no espelho, por vezes toda nua. Mas Deus estava em toda parte, ajudava-a. Foi já nos últimos dias que se le-

vantou do camarote. Chorara muito. O ar livre lhe fez bem.

No trem, depois, mal pode lavar o rosto, a água pouca, chegou exausta.

E foi nessa mesma tarde que reviu José, irmão de Teresa Assad, e conheceu Rachid, o Turco Magro.

A luta que se estabeleceu entre os dois não foi leal, e me custa dizer porque a senhor vê, estava lá naquele tempo, fui a primeira a saber da escolha de Iasmine, e não tenho razão de queixa de Rachid, tem lá seu temperamento. José era bom, muito bom mesmo, e da sua pobreza tirava ajuda para a irmã. A colônia inteira queria bem a José e admirava seu coração. Não havia mulher que, colocada entre ele e outro, preferisse outra. Pois essa mulher apareceu e foi Iasmine, minha irmã caçula. Seus olhos pretos caíram sobre Rachid, e não sei o que viram nele. Perdeu a cabeça.

Eu antevi tudo, a sufocação de minha Mãe, o enfarte de meu Pai, o desgosto que eu dera multiplicado por dois — que digo eu? — por dez ou até por cem ou mais, até por mil. Porque já agora não era a fuga mas a luta aberta, guerra dentro da colônia.

Pois foi uma verdadeira guerra civil. Não no começo, as coisas ainda indefinidas. Mas depois, quando Rachid fez aquela maluquice. Maluquice? Para muitos foi quase crime. E até hoje nem sei se foi verdade. Teria ele proposto a José indenizá-lo das arras? “Fica uma coisa pela outra, perco o que dei, você não me deve nada, pago o dote de Iasmine...”

Pensando bem, não foi despotismo de homem rico. Iasmine era necessária para ele como ar. Nem respirava mais se não tivesse Iasmine.

Teve Iasmine. Casaram num sábado. Domingo ela não foi à Igreja. Comungou na primeira sexta-feira seguinte.

Teresa custou muito mas terminou fazendo as pazes. Afinal, desde que recusara Rachid, perdera o direito a ele. Dói dizer que ficou moça velha: era tão linda, tão boa de coração! Perdoou. Quem nunca perdoou foi José. Mas de Iasmine brotava um perfume tão grande que ela era mesmo como um jasmim-do-líbano. Os filhos vieram, muitos. Nos olhos nunca envelheceu.

(Aqui termina a história que Dona Olga Scott me contou. Ouvi em silêncio e procurei reproduzir na essência e mesmo, quanto possível, na forma. Aqui e ali não soube, contei com meu jeito, palavras minhas. A noite de Beirute era de vez em quando cortada pelo barulho desatinado dos tiros, seguidos ou esparsos, das rajadas de metralhadora, do espocar solitário e triste de alguma granada. O coração doía muito naquele desabar do mundo, de um mundo, que vira antes, lindo! Clarões de incêndio alumiam longe. Não a interrompi uma só vez - a não ser para pedir que continuasse. Como poderia falar sem confessar-lhe que, menino do Liceu, lá na beira do grande rio, no Norte do Brasil, eu ouvira contar e recontar como se mandava buscar noiva no Líbano; e contemplava muitas e muitas vezes os compridos e negros cabelos de Teresa, ora soltos, ora em tranças, seus grandes olhos árabes que me olhavam sem me ver, e me imaginava carcamano rico, riquíssimo, para poder comprá-la para mim e fazê-la feliz? Quantos camelos seriam necessários? Jorge - que teve em mãos um retrato de mulher de sua gente e não quisera arriscar-se, para sua desgraça e arrependimento, pois casara com brasileira da gema e fora amargamente infeliz - me contava que a moeda da troca se estimava em camelos... Eu, milionário, teria entregue rebanhos inteiros, empobreceria para receber Teresa mas envelheceríamos unidos, até que a morte nos separasse ou levasse juntos, como certas árvores da chapada que crescem geminadas, inconhas, indivisíveis, e se o raio abate de uma só vez, são de uma só vez lavadas pela aurora.)

História de Seu Tomé Meu Pai e Minha Mãe Maria

Conto só de ouvir dizer mais do que de me lembrar, pois que pode ficar na cabeça de um menino pequeno, criado solto, mal parando em casa quando João da Grécia fazia gaiola de talo de buriti para xexéu, corruipião, sabiá ou chico-preto? Sei que a mais antiga lembrança de minha casa e da casa de meu Pai é um Natal com presepe (Seu Tomé da Serra Grande, meu Pai, tinha a mania de presepe) e sei que eu era pequeno porque tive medo dos caretas que acompanhavam a reisada, um deles quis me pegar mas eu fugi pro quarto e subi pelos punhos da rede e fiquei olhando de cima da trave da parede que dava pra varanda mas tremendo de medo de ser descoberto e aí fui e ao grito do mascarado quase me molhei, mas não me molhei, o que não aconteceu com Luisinho, nosso companheiro de brinquedo, mas não nessa noite, numa tarde em que Titio para se divertir fingiu que soltava uma oncinha nova em cima dele.

Mas isso foi há muito, muito tempo, muito tempo mesmo antes de minha Mãe sair de casa, e quem me contou tudo depois foi Zefa, minha irmã de criação, ou melhor, cria da casa, uns dez anos mais velha do que eu: os olhos dela eram pretos e buliam por dentro, grandes, pareciam maiores no rosto escuro - era de cor mas a pele caía meio para alva, buliam, o riso, porém, bulia ainda mais e cantava tanto como nunca vi coisa igual. Hoje, olhando para trás, muita vez me arrependo de não ter sabido entender certas conversas dela. Eu era muito inocente, quase leso, apesar de buscar saber só dos livros, o tempo que me sobrava de passarinho e banho no rio era mexendo na livraria de meu Padrinho mas isso foi quando fiquei com ele depois que minha Mãe saiu de casa. Zefa sabia tudo.

Uma vez mesmo, no quintal, vi Zefa nua, só tinha o vestido em cima do corpo, baixou a roupa quando seus olhos encontraram os meus, mas o riso cantou. Não aconteceu nada .

Foi Zefa quem me contou. Minha Mãe não mexia nesses passados. Até que me queria bem demais, mas era um bem querer calado. Só uma vez, a uma palmada mais forte, quis se meter, mas meu Pai: “Me deixa, Maria!” E ela, devagarinho; baixo:

“Seu Tomé, se você continuar a bater no menino, vou-me embora de casa.” Houve um silêncio grande como o rio em tempo de cheia. Meu Pai parou de repente.

Eu tinha seis anos e só me lembro do presepe, casas triangulares, pedras e areia, arroz plantado no dia de Santa Luzia, e o boi mais o burro ao lado do Menino, Nossa Senhora e São José saíam do oratório, os Reis Magos vinham adorar, o espelho da sala era virado com todo o jeito para fazer de lago. Meu Pai, era caduquice dele, mas os bichos (alguns) até se mexiam. Mas será desse presepe que me lembro?

Sim. É. E por que sei? Porque foi o ano antes de minha Mãe sair de casa. No outro ano não teve presepe em casa de meu Pai e eu até nem morava mais lá, mas com meu Padrinho, e da casa de meu Padrinho fui para a de Joana, e quando de noite tinha medo do Diabo debaixo da rede sua voz gorda me embalava. Gorda? Grossa, forte, uma voz de quem não tinha medo de nada —nem do Cão —nem deixava ninguém ter. Mas mesmo ela não era como os cabelos de minha Mãe ou suas mãos me acalentando.

Zefa me contou um dia tudo, e ria, a malvada, mas seu riso cantava e por isso ficavam as coisas sem maldade. Minha Mãe casara com meu Pai meio sem saber o que fazia. Dezessete anos! Quem sabe lá o que faz? E nenhum dos dois era ruim, nem houve intriga

de vizinhos. Foi a vida que os foi ferindo e os levou a se ferirem. Zefa não dizia com essas palavras, mas eu entendia tudo. Seu Tomé sempre foi muito bom, gente da Serra Grande é assim: mão larga. E no começo Maria se aninhou nele como um bicho noutra maior. Se eu nunca tinha visto gato carregando filho novo na boca? Assim Seu Tomé carregava minha Mãe. Mas já se viu homem mais infeliz, meu Deus! Filho de coronel, sobrinho de doutor, irmão de doutor, mas nem tinha se formado. E nunca soube ter mão no que era dele. Deus perseguiu? Talvez, quem sabe, perseguisse. Malfeito de algum avô longe? Ninguém conhece esses mistérios.

Nunca Seu Tomé acertou passo com a vida. Comprava arroz para revender? O arroz baixava. Vinha uma viração para o lado do arroz? O dele tinha acabado. Então chamava o compadre Roxo e metia os peitos na maior roça de São José das Cajazeiras, botando já nos limites para Caxias e Matões, um mundo, vinha gente de longe ver, mas naquele ano sobrou arroz no Ceará, nem valia a pena ao menos pilar, dado não se queria, cuscuz de tia Maroca voltava inteiro na bandeja, até o gado enjoara o cuim.

Eu já tinha nascido e era esperto, mais que me aconteceu foi meter a mão da beira da canoa em poço de piranha mas ficou só uma cicatriz pequena no fura-bolos. Às vezes tinha briga em casa, mas mesmo quando faltava vestido novo para minha Mãe tinha sempre muita gente nos domingos, gente comida fina, leitão e bom-bocado, e até que meu Pai estava feliz: os revoltosos tinham passado por lá, atirado nos pés de Seu Joca da Terra Nova para contar onde estava o dinheiro, mas quando iam entrar pelas bandas da Serra Grande chegou a notícia de tropa do Governo e abalaram pro outro lado do rio. E depois veio um tempo de paz, e a notícia era de que o algodão ia subir, e meu Pai Seu Tomé vendeu as terras do sítio escuro, brejo e mata, todas, as mais ricas, para comprar de algodão, e o algodão subiu, subiu muito mesmo, mas subiu também da noi-

te pro dia o Rio Parnaíba, comeu os armazém da beira: quando Seu Tomé meu Pai acordou estava mais pobre do que aleijado de porta de igreja. E então perdeu a cabeça endoidou mesmo.

E isso foi depois daquele presepe mais lindo de todos. Ele chegou em casa fazendo um barulho doido, quis bater, em Zefa, e virou para minha Mãe, mandou ela embora, que dar mais de comer para ela, nem pro filho dela, nem vestido de seda ou mesmo chita pra ela. E foi uma briga horrível, pior do que quando Dona Margarida correu de revólver atrás de Doutor Martinho pelas ruas da vila logo depois chuva. Mas meu Pai Seu Tomé nem formado era e minha Mãe coitada se ofendeu com aquele barulho e também perdeu a cabeça e vai daí respondeu para ele: “Vou embora mesmo e já. Volto para casa de minha Mãe, que lá pelo menos não tenho o trabalho de dormir com ela.” Foi mesmo essa a palavra que usou, coitada de Maria minha Mãe.

Seu Tomé meu Pai ficou de todo aluado, e pegou do revólver não para dar tiro nela porém em Deus. Foi para o meio da rua foi para a beira do rio cuspiu para cima para o alto gritou: “Deus se Tu existes és meu inimigo e eu te desafio poder me jogar mais em baixo do que estou!” E deu um tiro no rumo do céu e cuspiu de novo e viram que ele estava doido.

Me lembro que ele chorava muito, eu também e foram dias terríveis mas tudo passou e ele voltou para casa mas seu Tomé meu Pai e minha Mãe Maria não podiam mais se ver. E foram ao Juiz meu Padrinho e se separaram de papel passado--só que não podiam mais casar, mas quem disse que olhavam pra ninguém? Nem ninguém olhava para eles, uma moça tão pobre que voltara para casa de minha Avó Vicência e vivia de suas costuras, e ele mercado de brigado com Deus Nosso Senhor, vivendo de vender cerveja e cachaça e rapadura e coco-babaçu na quitanda e às vezes dormindo

jogado no balcão.

E o tempo foi passando, dois, três, quatro anos, eu na casa de Joana, do outro lado do rio, ou indo passar uns dias com meu Padrinho, ver João da Grécia fazer arapuca de pegar passarinho ou armar papagaio de empinar em agosto. E nuns domingos ia pra casa de minha Avó. Minha Mãe indagava manso: “Como vai Seu Tomé seu Pai?” Noutros passava de manhã cedo na quitanda, e ia com ele tomar banho no rio, no poço dos homens, ou mesmo saía de madrugada para caçar paca tatu cotia não, correndo a lá coxia, como ela gostava de dizer. E até um ano fomos juntos na casa de meu Padrinho, ele tinha pescado um fidalgo maior do mundo, levou de presente para o Compadre e tinha um pedido a fazer, que o Compadre Juiz deixasse me carregar para ver o ensaio dumas cheganças do Natal. Fui e era lindo. Estava no meu sangue, diziam todos, me vendo gostar por demais.

Mas quando voltamos já de madrugada (eu estava nos meus onze anos e aí me lembro de tudo) uns arrepios me pegaram no corpo e era a sezão que chegava. Me lembro de tudo. Delirava. E da rede do quarto de Joana me passaram um dia pra cama, e quem me carregava era Seu Tomé meu Pai e minha Mãe Maria, e eu senti que ia morrer e gritei que não queria morrer, era a cama da velha Rosa onde a gente só se estirava para morrer mas eu não queria morrer, não quis morrer e não morri, e a boca amargava de tanto quinino, mas depois a febre passou e eu tive de levar uns tempos magrinho me cuidando do abcesso na nádega esquerda de uma injeção mal dada do Xico enfermeiro, ainda hoje tenho o sinal se bem que engordei. Mas ficava lá no quintal debaixo das mangueiras e cajueiros, e Joana levava outras cadeiras de balanço para Seu Tomé meu Pai e minha Mãe Maria, e eles às vezes me deixavam sozinho; mas eu lia folhetos de cordel para o preto Luís, e as tardes eram mansas, e Zefa subia no cajueiro para tirar caju e eu gritava: “Vi tudo...” Ela

me botava a língua.

Foi quando Zefa me contou que Seu Tomé tinha endoidado outra vez. Queria casar de novo — mas casar com minha mãe.

Foi em meu Padrinho, que riu muito, e disse que não possível. Que o casamento deles estava desmanchado mas não estava desmanchado, que ele nem inventário tinha feito voltassem a viver juntos mas casar de novo isso a lei não permitia.

E Zefa me contava que Seu Zeca Nogueira de visita se ria, e Seu João Lula promotor, e o escrivão Milhão, e todos, Doutor Leopoldino e mesmo as emas do quintal de Doutor Leopoldino que se riam de meu Pai. Mas eu achava muito justo que Seu Tomé meu Pai quisesse casar de novo com Maria minha Mãe.

E não tardou ele foi no padre, explicou como era simples queria ela outra vez mas de véu e grinalda. E o Cônego Chaves era bom e disse que ele não podia casar com outra mas muito menos com Maria minha Mãe. “Até que a coitada sofreu tanto que a virgindade dela se refez”, disse brincando o Cônego (Zefa estava escondida e ouviu sem saber me explicar direito o que era, mas ela sabia e ria.) “Mas sacramento é sacramento e não se desfaz nem se refaz.”

E o pastor protestante vivia longe de tudo e não sabia do nada, agarrado na sua oficina de sapateiro, e até ficou interessado no começo da história e disse que sacramento da Igreja Católica não valia para quem se convertesse e virasse crente e jogasse fora os ídolos (todos os dias os caboclos atiravam no rio cofos de palha verde cheios de imagens), mas quando soube do que se tratava bateu com o pé que não e até ficou muito zangado com Seu Tomé meu Pai, que estava querendo mangar da sua crença, protestante não era como padre que dinheiro de novilho em leilão de quermesse comprava.

E então se deu que Seu Tomé meu Pai foi e conversou outra vez com meu Padrinho e saiu muito se rindo e satisfeito. E saiu convidando toda a gente para o novo casamento dele e de Maria minha Mãe, que ela ia para Teresina, na casa da Nega Joana, e vinha numa canoa fretada, e ele ia esperar no porto _ com o fraque com que tinha se casado e ela vestida de noiva como no dia em que veio da Serra Grande... E toda a gente, ria ou sorria mas prometia aparecer.

Eu já estava bom e então minha Mãe Maria me chamou e o médico tinha recomendado que eu passeasse e ela me disse “Você quer sair de casa pela primeira vez para ir mais eu ver minha comadre sua Madrinha?” E era como se me chamasse para voltar no paraíso depois de uns anos de purgatório. E eu ia espiando as coisas como se o mundo tivesse nascido de novo. Era ali pelo fim-das-águas e o calor não queimava demais.

Mas na casa de minha Madrinha ela disse que queria um particular com a Comadre nem bem eu tinha tomado a bênção e começado a contar a doença, mas Zefa me ensinou a subir na parede pelo lado de fora onde tinha uns tijolos encostados; e eu ouvi e vi tudo, e desse feio pecado sempre me encomendo a Deus, coitada de minha Mãe! Porque minha Madrinha estava dizendo a ela que era só um capricho de Seu Tomé meu Pai e não custava nada ceder e ele já estava quase bom de todo e agora quem sabe ficava de todo bom e se encarreirava e até meu Padrinho já estava arranjando um lugar bom na Intendência para ele... Ou mesmo no Federal. E minha Mãe ficou com os olhos vermelhos, e chorou, e minha Madrinha perguntou se era porque ela na precisão tinha vendido o vestido, quando costurava pra fora. Mas minha Mãe enxugou os olhos e disse bem olhando para minha Madrinha:

—O vestido está no perfeito, e guardado cheio de capim de

cheiro, e eu toda a semana olho para ele, porque, minha Comadre dos Anjos, nunca deixei de gostar de Seu Tomé...

Mas aí começou a chorar de novo e olhou para todos os lados e também no nosso rumo mas graças a Deus não nos viu e disse baixo, muito baixinho, porém Zefa e eu conseguimos ouvir.

—Mas é que nós... Mas é que ele... Ai, Comadre, é que não caibo mais no vestido, o vestido não cabe mais em mim...

O menino nasceu ali no começo de dezembro, em casa da negra Joana. Fui eu quem foi chamar a parteira e me lembro em frente do quartel a sentinela: “Quem vem lá?” E eu: “É de paz,” E ela: “Passe ao largo.” Passei ao largo e fiz tudo mui direito, já ;era um homem de doze anos.

E era um homem mesmo Fui sozinho na canoa com a minha Mãe Maria e meu irmão, ela de branco estava linda, ele era um novelo grande de lá azul no seu braço. E Joana também ia, com flores, do quintal que minha Mãe não podia levar. Jasmim branco, bogari, flor de laranjeira... E Seu Tomé Meu Pai esperava de fraque, mais meu Padrinho Juiz e minha Madrinha dos Anjos, e Seu Doutor Leopoldino e Doutor Otávio e a sempre bela Dona Vitorinha, e João da Grécia e Marcelino Coletor, e o Cônego Chaves, e a Comadre Gertrudes parteira, até o Pastor Hermínio, mesmo a Professor Firmina, tanta gente que, se escrevendo, um caderno de escola não bastava. E foi um almoço como Seu Tomé gostava de dar. Mas antes passamos na igreja, e o Cônego fez todo o pessoal chorar—ele que gostava de rir. E os comeres e beberes entraram até muito no fim da tarde. E depois foram chegando os ranchos da Festa, a congada teve rei muito especial e rainha não se fala, que meu Pai Seu Tomé tinha ajudado nos vestidos, e as coroas pareciam de ouro mesmo, e depois aquele adeus do príncipe quando ia morrer:

“Adeus, meu rico povo, adeus!” Mas já na rua ficavam esperando do lado de fora reinadas e marejadas, até uma dança do elefante dançada só naquele ano e era meio sem graça. Ficavam esperando a vez, e na noite quente cada um se impacientava para entrar mas era preciso manter a ordem, e ainda se ouvia dentro o grito de “fogo e mais fogo, fogo até morrer!” ou o choro da Nau Catarineta, já aqui fora subia o pedido de entrada dos Reis: “Ó de casa, nobre gente / Menina vá ver quem é / É o Menino Jesus / Mais Maria e São José...” E a cozinheira Conceição cantava: “O gogó da ema é da Sá Sariema. . .” Aí vi que era um homem porque dancei com os caretas e a jeriquitaia me segurou e não tive medo daquela cabeça de cavalo lá no alto batendo, sacudindo os dentes. E logo, meu Deus!, Zefa apareceu entre as pastorinhas, vestida de pele de onça, Zefa! E cantava! Os olhos, o corpo, a voz... Zefa Meu Deus! Mas o presepe... Ah! deixara de ser menino, era já um homem, mas que presepe e como tirar os olhos dele! Augusto pintor, um sem-vergonha que eu tinha visto bulir no rio com as negrinhas que tomavam banho de peitinhos despontando, parecia que rezava quando passou dias e dias ao lado de Seu Tomé meu Pai desenhando, recortando, colorindo as casas de telhado vermelho de Belém e os castelos de Belém. Não, o presepe mais lindo da minha vida e do mundo todo foi esse, não o outro. O burrinho e o boi mexiam com a cabeça, e ao sinal deles tudo se animava como se tive umas linhas puxando mas alma mesmo, bicho que fosse. E o espelho grande da sala era uma lagoa enorme de paturis marrequinhas, patos brancos. E havia mesmo uma cutia empalhada de olhos brilhando. E os Reis Magos vinham nos seus camelos oscilantes. E os lampiões de carbureto alumiam que parece de dia mas com cheiro bom. E as luzes fechavam e acendiam, mas nenhuma era mais bela do que a da estrela lá no alto, por cima da casa de palha onde Nossa Senhora e São José, saídos da sombra do oratório, cercavam o Menino Jesus de porcelana. Deus me perdoe, era bom me sentir de novo na minha casa, mas o

melhor de tudo era ver os dois meninos, o que estava no presepe e o que estava no berço improvisado, um pano estirado de rede com uns talos de buriti atravessados, e olhava tudo e não chorava (só uma vez, porém minha Mãe Maria logo deu de mamar ali mesmo) e não chorava mas ria nos olhos muito pretos — os olhos de Seu Tomé meu Pai— mas não tristes, não aluados, mas rindo, rindo, como se meu irmão é que fosse Deus de novo nascido no mundo.

Irmãs

O arraial todo vive do barro, mas é um jeito de viver como qualquer outro, Não desonra. Quando nasci não era assim, sei, o canavial se estendia até a beira do rio, o canavial de meu Avô... Parte da casa grande caiu não faz muito tempo, mas as paredes principais continuam de pé. Já conheci o casarão vazio de gentes graúdas, minhas tias e minha. No mundo quase calado daqueles despovoados muros grandes, sobrevivendo mas para sobreviver se despossuindo pouco a pouco das terras de outrora, do que restava delas. Não direi que comíamos terra, mas era como se comêssemos... Nunca passei necessidade de doer fundo, mas de mim somente conheci pobreza, elas ainda tiveram seda para vestir, perú ou leitoa nos domingos, matalotagem todo mês. Não sei qual a sorte pior: quem nunca teve ou quem teve e perdeu. Cego de nascença ou quem viu o mundo e só depois cegou? Minha Mãe, coitada, atravessou a vida toda num sonho. Quando meu Pai apareceu, ainda estava nos laços de fita, chapéu de palha, sela de banda, cavalo equipador. Casaram depressa, mas as glebas ricas acabaram ainda mais depressa nas mãos dele, os brejos vendidos, todos ou quase todos, sobrou apenas chapada e areia, umas pontas de umas sesmarias, uns cocais que andaram dando renda quando o babaçu subiu. Ele (sempre o vi chamado assim, “ele”, nunca “seu Pai” ou pelo nome) um dia desapareceu no oco do mundo, nem ao menos escrever nunca mandou telegrama ou bilhete que fosse. Minhas Tias Honorata e Adriana, jamais soube ou quis saber como nem quando brigaram, mas acho ou pelo menos desconfio que foi na guerra em redor do forasteiro, pela conquista e posse dele. Ganhou minha Mãe, e às vezes penso que antes não ganhasse porque não teria si do tão infeliz, mas se não ganhasse estaria eu aqui para contar a história? O homem de

fora parecia rico e distinto, colete e corrente de relógio, as três o queriam, do entrevero silencioso (e feroz) entre as rivais não declaradas é que as outras duas saíram rompidas, ou, se não foi nele, foi então que se adubou o terreno para as discussões futuras, violentas até o desespero, por uma nonada que sugeria imaginações sem fim. Quantas vezes me lembro de passar a noite insone ou de acordar no meio dela, menina assustada, com o xingamento desmedido, desapoderado! Foi quando minha Mãe amalucou, coitadinha, e o Dr. Esteves ainda quis levá-la para o sanatório dele, mas depressa se viu que era loucura mansa, laço de fita, chapéu de palha. Não havia mais nem mesmo sobras de terra para vender. Minhas tias tentaram manter a casa sem fome, Tia Honorata fazendo doce, tijolo de leite e buriti, rebuçado, chapéu-de-couro, bolo doce, até beiju, bolo frito e cuscuz de manhãzinha, Tia Adriana costurando para fora, arrancando rendas delicadíssimas das almofadas, gastando dedos no bastidor. Ai já não se falavam de todo ou, mais exato, não se falavam diretamente. “Quando alguém quiser almoçar, posso tirar o almoço”, dizia uma. E a outra: “Quando alguém quiser tirar o almoço, boto a toalha e os pratos.” Eu subia nos mamoeiros para apanhar mamão verde, quebrava rapadura e pisava coco para chapéu-de-couro, espetava alfinete no papelão para traçar o caminho dos bilros que os dedos fariam dançar, parecendo adoidados mas sabendo bem por onde andavam, corria de uma para outra das irmãs, amava ambas, franguinha magra assustada, de asa aberta e bico escancarado, sem fogo, entre aqueles ódios fraternais. Minha Mãe orava, sentava-se, vestia as fitas, ajeitava o chapéu, saía para correr casas amigas. Ainda fui levar encomendas na cidade, da outra banda do rio. Passava-se aperto, mas fome, não. “Quando alguém quiser pagar a quitanda, tem dinheiro debaixo do pano rendado do tabuleiro.” “Quando alguém quiser mandar consertar o poço, já podemos pagar, entro com duzentos mil-réis.”

Começaram a chegar outras gentes de fora, atraídas por um

loteamento de José Paraense na beira do rio. Descobriram o barro. Um paulista rodou o primeiro torno, acendeu a primeira lenha, apanhou a primeira fornada. Nasceu o arraial.

Matricularam-me no grupo da Barrinha, do outro lado do rio. Atravessava toda manhã de canoa, voltava no sol do meio-dia. Gostava de andar limpa. Lá ia entendendo as coisas. Muitas vezes, quando me estirava na rede para dormir, mal e mal recordando na cabeça as lições da escola (Português, História e Geografia tinha gosto), pedia a Deus que naquela noite não houvesse clamor de raivas, invenções ou suspeitas das tias nem minha Mãe cantasse em seu violão amores mortos até a lua sumir.

Envelheciam. A corcunda de Tia Honorata se pronunciava cada vez mais, o moreno escuro do rosto parecia afundar em noite, o que era trigueiro enegrecia; a brancura de Tia Adriana se esvaia em lei te, transpareciam pelos braços veias azuladas em desenhos fugidios; os cabelos de minha Mãe eram às vezes trançados por uma das irmãs, qualquer das duas... “Se alguém não vai cuidar da cabeleira de Iaiá...” “Alguém que faça o que quiser com os cabelos de Iaia...”

Descobriram também elas o barro. Qual achou primeiro? Não sei. Ambas. À toa. Foi inevitável. Se onde fora terra dos pais todos viviam dele, este que tirava, aquele que carregava, outro que mercava, e os mestres que torneavam, e os meninos que levavam ao mercado da beira do rio, porque se gastarem na panela e na almofada?

Carreguei, eu mais uns filhos de Seu Antônio Félix, moradores na outra calçada da rua, o primeiro peso. Seu Anastacio emprestou o forno enquanto se fazia o lá de casa.

Não meti as mãos na massa de argila. Nunca: não tinha jeito, sabe como é, acho que devia dizer vocação. Pegar no barro, eu? Elas é que desde o primeiro instante o tomaram nos dedos, amassaram como se desde os cueiros não tivessem feito outra coisa. Para que

tomo e molde? Não produziram quartinhas, vasos, pratos. Moringa, é verdade, uma vez rodaram uma, o próprio Seu Anastacio emprestou o torno, mas essa era diferente, uma roda oca de barro com um pé e uma garganta, coisa de dois palmos, tudo superfície para o vento esfriar a água, teve muita procura mas só modelavam com relutância, até maiores e mesmo alguma menorzinha, porém por encomenda, só por encomenda e muito rogada, até se pode dizer que quando os demais barristas, que respeitavam a invenção, se negavam a produzir, e o freguês pedia muito, alegando as inclemências do calor no chapadão e a frescura que amanhecia naqueles barros redondos. Mas não gostavam de criar coisas úteis, que outros faziam bem, em cadeia e depressa... As mãos eram sua máquina, diziam. Alegavam: “Objetos seriados os outros fazem melhor, mais depressa...”

Se se falarem se entendiam. Presepes nasciam inteiros, a Família Santa, bichos e pastores, reis e castelos. O que uma começava, outra completava. Tia Honorata era melhor na forma humana, o olho de Tia Adriana concebia melhor as aparências animais. As mãos sujas de barro... As minhas ficaram sempre limpas, me dava um arrepio só de pensar no visgo. Às vezes imaginava pesadelos, uma briga de agarrão entre elas com aqueles dedos pingando terra. Mas nunca jamais, Deus seja louvado! Nem com elas próprias falavam. Uma vinha com seu pincel, punha o azul, a outra teimava, metia o amarelo, olha que verde de repente! “Alguém fez um Santo Antônio muito bonito. Se fizer um São Francisco modelo uns passarinhos pra cabeça e pros ombros.” “A vaquinha de alguém é a mais graciosa deste ano, parece até a Bonitona que era o capricho de Papai...”

Um dia, sem dizer palavra, minha Mãe apanhou o tabuleiro, arrumou as peças, um tanto da Tia Honorata, o mesmo tanto da Tia Adriana, me pegou pela mão, atravessamos o rio, fomos vender

do outro lado, no mercado da cidade.

Virou rotina. Não tinha mais moleque discutindo conta, furando muito, espertos, fingindo-se coitados, rindo do acanhamento entre elas, fazendo intriga entre as irmãs.

Na esquina do mercado, onde fez ponta, falavam a minha Mãe dos amores de minha Mãe, diziam-lhe que o Doutor João queria casar, estava apaixonado por ela, marcavam datas. Eu ficava com os olhos em sangue, o rosto em fogo, ela, porém, não se zangava mais não, chegava a rir, passou a rir, ria muito, conferia o troco direitinho; e não sei até que ponta acreditava ou imaginava acreditar, se é que não simulava tudo. Às vezes penso, insisto nesse pensar contra a vontade, que a doidice – se é que era doidice – não passava de fingimento. E a esquisitice das irmãs talvez fosse mais verdadeira que aquela fantasia toda de maluca mansa, risonha...

Esquisitice, mas na casa havia uma limpeza geral que não parecia nascida do barro.

Às vezes eu amanhecia com medo, vai ser hoje: um esbarrão sem querer joga a mão de uma contra os barros da outra, ou alguma inveja, artistas eram, artistas sempre tem desses humores, mesmo artista pobre lidando com barro quanta vez quer dar mais do que pode, cai dentro de si mesmo lá embaixo, briga à toa. Nunca houve nada. Nada mesmo. Deus seja louvado! Nada! Nem eu, no meu desajeito, nunca bati em nada. Nunca quebrei um barro, mão de anjo que fosse ou chifre de boi.

As três me vestiam agora melhor, fui para a Escola Normal, há muito não ia com minha Mãe à feira do barro (já existia uma), ela no tabuleiro era ajuda e não mais cuidado grande, nem remédios tomava, cuidado era eu, coitadas. Mas não lhes dava desgosto, passei sempre e com boas notas, até prêmio tive. Quando chorava me escondia no quintal ou então disfarçava o pranto na rua, me-

tida nalgum beco, de cara contra porta fechada, as costas viradas para quem passava, porque se as três soubessem adivinhariam logo o motivo, era sempre um só, o falarem mal delas. Nunca chorei por nenhum rapaz, nunca tive namorado porque namorado me lembrava a doidice de minha Mãe e o desatino, os malfeitos todos de meu Pai. Mas saberem que chorava por elas sempre as deixava tristes, a mim mais ainda; e era por elas sempre que chorava.

Não se pense que se fizera a paz em torno de mim. Não quer dizer que à noite não precisasse mais de rezar. A guerra de Tia Honorata e Adriana envelhecera, não acabara; o violão de minha Mãe desafinava agora um pouco, mas a voz era sempre forte, e a lua ressuscitava as magoadas canções... Eu é que estava ficando moça e Deus tinha mais ouvido para a moça de hoje do que para a menina de outrora. Ou dormia depressa, perdida nos meus próprios sonhos, cansada da labuta com os cadernos, já começava a escrever, e não ouvia os assombrados no casarão.

Logo no dia da formatura ia se dar aquele desastre! Quase adivinhei de longe, meu coração bateu tumtutum, ia me pulando pela boca, mal precisei reconhecer minha Mãe, não me quiseram deixar chegar perto da esquina, mas o tabuleiro caído, o sangue derramado, os barros aos pedaços, o carro que atropelou nunca se teve notícia exata, nunca se soube ou se quis saber, justiça de Deus andara a caminho. Minha Mãe! Não me lembro nem ao menos de carícia de suas mãos na minha pele mas de seus olhos me espiando muito. Era como se roçassem em mim, devagarinho... Uma vez ia pôr os dedos nos meus cabelos, tirou assustada, “da ma sorte”, não sei se disse ou se imagino que disse. Mas ouço ainda sua voz cantando passadas paixões perdidas, modinhas tão tristes, quando não coisas sem sentido:

“Camaleão subiu a palácio,
foi falar com o Presidente.
Foi coisa que nunca vi
camaleão falar cor gente.”

Uma vez lhe jogaram um camaleão nos pés, mas isso foi malvadeza de gente mandando moleque.

As duas outras não se falaram nem quando o corpo de minha Mãe saiu para o cemitério. Nem quando Joaquim Tiburcio se ofereceu para os pagamentos mais imediatos, e não precisava fazer porque não era parente nem aderente. Cada uma por sua vez e em separado respondeu que não carecia. Em separado quem chegava falava a cada uma, embora as duas estivessem lado a lado, mal comparando era como se um homem deixasse duas viúvas inimigas.

Tive uma esperança de paz no cemitério, depois da missa de sétimo dia. Apareceram uns parentes longe, gentes das nossas raças mas não do lado de meu Pai. Tia Honorata puxou o terço, houve um silêncio, depois a voz de Tia Adriana se alteou sozinha respondendo, em seguida é que as outras rezas se juntaram.

Mas foi dando aquela tristeza nelas, o barro às vezes endurecia nas mãos paradas. Não choravam. Choro bastava o meu, que não precisava agora de se esconder. Consolavam-me, cada uma por sua vez.

Tia Honorata morreu na quinta-feira. Tia Adriana correu quando a viu sentar-se na rede, num grito longo, a mão no peito acarinhando a dor da morte.

Minha irmã! Minha irmã! Por amor de Deus! Deus que me perdoe!

No outro dia também ela estava morta.

Achei-a de manhã. Mas não se matou. Isso não! Nunca! Tinha o terço enrolado na mão. Era Filha de Maria. O coração é que também estalou, como diz o povo.

Se o senhor quiser comprar o que resta da casa, lhe vendo. Muitas paredes de taipa resistiram todo esse tempo, a ponte vai passar aqui perto. O casarão ainda tem quintal grande, dá uma reforma excelente. Veja que portas enormes. Eu é porque não tenho razão para continuar aqui, nunca pus mão em argila, me falta vocação nos dedos, sou desajeitada com eles, até para pegar em bandeja e servir café viu meu desajeito. Vendo tudo! Só não lhe vendo os pertences de minha Mãe, as coisas delas também, os barros das outras duas que ficaram feitos, aquele São Francisco com bichos do mata nos pés, os ombros cobertos de aves e asas. Vou sair pelo mundo. Esta beira do rio tem um barro bom mas estas mãos, o senhor bem vê...

Irmãos

Todos dois morreram nos meus braços, mas isso foi em dia e ano diferente. O que lhe garanto é que a minha dor foi a mesma num casa e noutro. Tenho eu lá nada a ver com a vida alheia? Uma coisa lhe juro: amigo para mim é sagrado, dom de Deus, a gente aceita como é, sobretudo amigo de infância, inclusive os amigos de infância feitos depois de velho. Mas não creia muito em amizade nascida na casa dos enta, falta a ligadura das coisas antigas. Olhe aí, já me perdi na conversa. Velho é assim. Vamos voltar ao principio.

Não eram nossos vizinhos todo o tempo, ficaram sendo. Família grande por família grande, não sei qual seria maior. Alugamos a casa na mão deles enquanto se construía o nosso casarão. O velho era fazendeiro, coronel dos sertões de gado, mas lá em casa só se chamava de Seu. Seu Raimundo e Dona Rosa, o tempo não deixara grande marca em nenhum mas nos meninos os achávamos velhíssimos. A própria eternidade. E os filhos, quantos! Tudo mulher. Homem, dois apenas. O mais velho, Raimundinho, era mais taludo do que meu irmão mais velho, o mais novo, Rubem, mais novo do que o nosso caçula. Admirávamos em Raimundinho a virilidade nascente. Mandava: obedecíamos, embora por vezes com relutância, logo serenada diante da ameaça de um bofete daqueles, promessa jurada, nunca, alias, cumprida, talvez por desnecessário. Rubem jamais usou apelido ou diminutivo. Os cabelos, outrora cacheados, foram cortados e, agora, muito lisos, caíam na gola de veludo azul. Devia ser bom pegar no veludo, arrepiá-lo do avesso como se fazia nas almofadas da sala. E no cabelo? Nunca pensamos maldade, só Raimundinho, às vezes, nas férias da fazenda, sumia para os lados do curral. Depois, já maiores, tentamos acompanhá-

lo na visita às bezerras. Não era fácil. Nada funcionou. Rubem não foi.

Sempre me pareceu depois que a culpa era de Dulcinea, a Tia Dulcinea, e nunca compreendi bem por que ela impusera ao sobrinho os cabelos cortados à maneira de mulher, e vigiara nele todo gesto de homem para combatê-lo e mudá-lo. A família já tinha bastante mulher, as irmãs eram nossa paixão, lindíssimas, brancas e mesmo havia Ifigênia moreno dourado, mulher não fazia falta. Então por quê?

Hoje, pensando no passado, tenho pena de não ter alisado com a mão os cabelos de Rubem menino, seus casacos de veludo. Seria como se agradasse um gatinho novo, essa é a visão que tenho espiando nos longes. Alisar, com as mãos de hoje, os cabelos do menino de ontem, me pergunto se não é um pensamento sensual mas vejo que é apenas ternura pelo homem feito, tão infeliz, que morreu nos meus braços.

Raimundinho cresceu lá mesmo. Creio que nunca arredou pé da beira do rio Parnaíba mais de vinte léguas. Do fio e das terras que o cercavam sabia tudo, até altura de armador de rede: “minha al-tura mais dois palmos”. Mas quando lhe indagava quai era mesmo essa altura sua, ria de novo, respondia: “a sua, caboclo”, emendava: “a de qualquer um”, “a do dono da rede”. Porque nunca imaginava coisas plurais. Rede era só dele, casa só dele, terra só dele, mulher só dele. De sua terra, a velha fazenda do Açude Seco (o nome nada tinha a ver com a fartura grossa das terras pretas de massapê, com as águas grandes do Riacho Barriguda a sangrar sempre), conhecia cada pé de pau, cada vaca mansa, cada marruá bravo, até as galinhas, e até os capotes, bicho que todo é igual e só se mata de tiro, meu Tio Zezinho sustentou em conversa comigo que Raimundinho identificava, individuava. E de mulher não falo, corria fama que ele conhecia, provara e largava, uma após uma, e tinha

mesmo um cofre de barro para ir botando uma moeda nova cada vez que uma donzela deixava de ser, por ato seu, mas isso negava e bem sei que era lenda, não acontecia com ele e sim com um outra, primo longe, cujo destino a seu tempo contarei noutra ocasião. Não é que não tivesse peito para façanhas dessas, mas muita vez não as despuçelava de pura pena, pena por demais. Bicho mulher lhe dava pena, é verdade, elas caíam tão depressa nas suas mãos que nem precisava de lhes jurar bem-querer, não precisava e nem jurava, nem chegava a jurar, era uma força que vinha não sei de onde, mal o viam e já estavam se roçando nele, se oferecendo. Podia recusar, me diga? Acho mesmo que às vezes recusava, no geral contava rindo: “Quando ninguém sabe recuso de pena delas, sabem que não caso, mas do outro jeito o que não irão dizer de mim?”

Vi-os ambos, vi-os muitas vezes, mas desde o fim da infância, quando ainda nos dois mal se esboçavam as linhas do temperamento, pouca vez os reencontrei juntos. Não era, porém, necessário o confronto imediato, tão violento ele se fazia mesmo de longe. Filhos do mesmo pai? Dona Rosa era uma santa, ninguém nem de leve ousava duvidar de sua fidelidade, naqueles tempos não era fácil ser infiel nem ela o queria, ou de longe sequer admitia a idéia, nem mesmo vagamente imaginava. Era amante e submissa. Filhos do mesmo pai, sem dúvida, embora com os sinais trocados: a cada instante, num gesto, num sinal do corpo, a presença de Seu Raimundo aparecia. E quando Rubem irrompeu nos palcos do Rio e São Paulo, e logo no rádio e na tevê, foi com um cheiro de sertão - um sertão que ele apenas entrevira menino mas ficara escondido bem dentro, bem no seu sangue. O baião que ele cantava... Quem via ou mesmo apenas ouvia era como se mergulhasse no oco do Brasil, trepado em porteira de curral.

Até na morte diferiram. Morreram os dois em meus braços, e ambas as vezes me doeu muito. Rubem perdeu a saúde nas ilusões

da draga, à procura dos paraísos terrestres de que nunca mais se sai (a que ele dava um toque de natureza entrando pela madrugada no mercado de peixe e aparecendo-nos no sobrado carregado de siris vivos). Raimundinho excedeu-se em casa de meu Pai, na nossa vila de S. José das Cajazeiras, em chambaris violentos e cozi-dos totais. Engordara. Mais ainda exibía uma força de partir punho de rede com a mão esquerda. Não era mão esquerda de canhoto, entretanto com ela parava equipado de cavala. A cabeça estava branca. Terminara por se casar com moça pobre, de humilde condição, aliás belíssima e prendada, que o aceitara como era. Um menino dele estava na escola, o segundo traquinava em cavalo de carnaúba, outro começava a andar, minha comadre Aparecida já esperava o quarto, prometido para meu afilhado, quando foram nos chamar correndo. Era à tarde e na hora da sesta. Socorremos, as casas eram perto, mas ele não durou muito. Ainda se conseguiu acender uma vela, creio que eu ou meu irmão, uma vizinha ou a própria Aparecida, nem me lembro, naquele corre-corre ela também perdeu a cabeça, alguém deu uma injeção. Gritei: “Não precisa ferver de novo, outra!” Os olhos dele esmoreceram. Tomei-o de um lado nos braços, meu irmão noutro, Aparecida lhe rasgava as roupas. Foi tudo inútil. O fim chegou violento, rapidíssimo. Ficamos abalados que nem sei dizer, talvez houvesse outros remédios, que tempo tinha havido, nenhum! Rubem, esse, foi apagando devagarinho, em casa de saúde rica, com enfermeira, oxigênio e entorpecente, a dor comendo as carnes, mas a inteligência irredenta, se rindo, luciferando (hesitei na palavra mas não era Lúcifer um anjo?). Anjo rebelado, anjo castigado... Raimundinho feito de terra, Rubem feito de nuvern...

No começo - mesmo já rapazes - se queriam muita, a lembrança mais antiga e mais viva que tenho dos dois é de Rubem rindo, provocando com muita molecagem, e Raimundinho tomando seu partido contra o desafinado. Uma vez um murro de Raimundinho derrubou desacordado no fundo da chácara, encostado

numas bananeiras, o companheiro de brinquedo que, em justa represália a muito desaforo, acinte de cara, cuspe no chão e mesmo nome de mãe, quisera exemplar Rubem. Ficamos todos perto do pombal de coração nas mãos, Eurico ali caído feito morto, mas Raimundinho repetia como estribilho de culpa redimida: “Quis bater na meu mana caçula. Quis bater na meu mana caçula. Quis...” Foi quando Eurico despertou, meio avacalhado porque não morrera e ainda sujara a roupa no esterco dos pombos.

E até acredito que foi com dinheiro de Raimundinho que Rubem veio para o Rio, foi morar nas encostas de Santa Teresa. Não o encontrei então, mas ele me contava depois que, adolescente, descia a pé ladeiras do Catumbi e da Lapa só para sentir os quitandeiros portugueses nas portas, de olhos pregados nele, no rosto, nos olhos, nas coxas, nos redondos justos. Creio que foi um desses admiradores obscuros, obcecados pela provocação diariamente repetida, que terminou por seduzi-lo. Falei seduzi-lo, mas a sedução foi só o primeiro passo. Parece que no segundo foi preciso agarrá-lo na violência e força-la, sentia-se muito delicado. Tempos e tempos mais tarde, já marcado na radiosa beleza da mocidade pelo vício que entretanto não lhe obscurecia o gênio, aludia par vezes à iniciação mas sutilmente ressaltava: “Homem me conhecer de costas? Nunca! Frente a frente, como os xavantes!”

Um dia, na Câmara dos Deputados, onde se dava com toda a gente, gregos e troianos o admiravam, procurou-me e a meu colega Inacio, da bancada nossa terra, queria que assinássemos em primeiro lugar um memorial ao Presidente. Recusamos com jeito: figurávamos entre os mais exaltados parlamentares da oposição. Não se ofendeu, mas insistiu: “Justamente por isso.” “E o que é que você quer pedir?” “Quero ser o primeiro brasileiro autorizado oficialmente a andar de travesti.” Mas não se sentia mulher. Doía-se da condição a que fora reduzido. “Foi tudo culpa da Dulcinea,

aquela malvada!” Às vezes, quando tínhamos sessão noturna, telefonava às nossas secretárias. “Deputado, atenda par amor de Deus! Nunca ninguém me disse as coisas que esse moço falou!” Atendi. Adeus sessão noturna! Nessa noite terminamos indo tomar chope na Avenida e prometendo subscrever memoriais, vários, todos, o que quisesse. Estava muito imprudente. Inácio, que naquele tempo falava pouco, ainda sem a notoriedade nacional que veio depois, ria: “Resistir quem há de?” Não consigo me lembrar de uma coisa: se terminamos rubricando algum papel na mesa do bar. Acho que sim. Mas que diria o papel?

A fama de grande cantor chegou a S. José, mas junto com ela a outra, que teve o dom de indignar Raimundinho, ainda não amansado pelo casamento, na fase que confessadamente se estendia além das conquistas ancilares e bordejava o adultério (ele sorria misterioso falando de mulher casada mas desmentiu sempre - com raiva e horror - perda de moça): “E eu quero lá saber desse irmão! Se está assim, prefiro não ver mais nunca. Se me aparecer, como na bala ou na faca, mas ninguém me humilha.”

Numa das minhas viagens ao Vale do Parnaíba me procurou, queria toda a verdade. Conte-lhe o que sabia e não era segredo, nem calei o memorial. Mas acrescentei quanta o gênio do cantor começava a revelar-se: “Vai ser o maior cantor do Brasil!” “E isso que importa? Eu o preferia morto, ou vivo e pedindo esmola na porta do mercado, a uma humilhação dessas. Felizmente papai já morreu e mamãe não acredita nessas coisas, nem sabe que existem. E se um miserável for contar a ela eu mata os dois, ele e o outro qualira que enredar.”

Dona Rosa ainda vivia quando Rubem apareceu, anos depois. Voltara de tão longe para desafiar o irmão? Era capaz disso, mas não creio: queria antes saber-se livre, sem restrições. Aquele pássaro, embora desasado como garça que perdeu as penas ao

entrar nas águas ruins da muda, queria ter certeza de poder abrir onde quisesse as rêmiges tristes, e abri-las do jeito que entendesse. Passou em S. Luis, onde se exibiu no baile de abertura do Carnaval, de sapato muito alto, metido no traje feminino que ganhara de uma prima-dona aposentada da Aida, e desfilou aos brados gerais de: “Bichaaaa! Bichaaaa! Bichaaa!” O auditório inteiro gritava, o clube, o Jáguarema, quase vinha abaixo, até um cineasta estrangeiro filmou a cena, uma loucura. Mas o clamor o exaltava e o deixava triunfante, não humilhado. Era quase uma vingança, como quando, no Rio, os grã-finos se disputavam um lugar à sua mesa, nas noitadas típicas que oferecia em casarões abandonados, as lindas casas da Saúde ou da Tijuca já conde nadas à demolição para horríveis incorporações, e faziam fila para as ceias onde os vinhos franceses acompanhavam o pato no tucupi, o arroz-de-cuxá, a carne-de-sol com pirão de leite, a paca no azeite de coco babaçu, as surpresas da cozinha nortista a que, com mão delicada e sutil, dava toques refinadíssimos.

Quis com a mesma fantasia, repetir o sucesso da capital em S. José das Cajazeiras. Raimundinho soubera da chegada, cruzaram-se na casa da mãe, mal se falaram a principio, a hostilidade se dissolveu, embora não de todo mas sempre se dissolvera, ou, pelo menos, se atenuara, como se o irmão viril duvidasse dos próprios olhos que em cada gesto encontravam facilmente inegado e inegável o destino do outro. O dia seguinte, entretanto, era terça-feira gorda, o ultimo baile. O grande vestido triunfal, a maquilagem, os olhos negros, os remexos não deixavam duvida. Foram contar a Raimundinho que- indignado consigo próprio por não ter acreditado nas evidências da sorte - se armou à espera do fim da noite. Ao seu quarto e à sua rede chegavam fiapos de música. Não, não daria um tira na boca, mas dois, um em cada nádega daquele traidor desgraçado. Felizmente – se repetia por dentro, silencioso e monótono – Seu Raimundo não era mais vivo...

Surpreenderam-no o barulho dos sapatos de salto alto na calçada, a correria, o vozerio, os gritos de desespera. “Acudam! Que-rem me matar!” Chegou à janela. A princípio pensou que fosse uma mulher da vida correndo da policia. Mas não era só a policia, vinha mais gente. Reconheceu logo a voz do irmão, o espantoso vestido de noite, arrastando nos pés. Rubem não o vira, hesitava, olhava de um lado para outro, distanciado de repente dos perseguidores, mas sem fôlego, sem saber para onde ir. Lembrou-se: a casa era nova, Rubem não a identificaria. Foi ele quem ofereceu socorro aos gritos:

— Rubem! Rubem! Entra! Entra depressa! Miseráveis!

Rubem viu-o, compreendeu, entrou, num desafogo. Vinham chegando.

— Me cortaram a bunda com navalha cega e dentada. Estou sangrando!

Raimundinho fechou primeiro a porta, gritou para Aparecida:

— Acode o mano caçula ai depressa! Depressa, mulher! Depressa!

Lento, tranqüilamente, entreabriu a janela, encostou a espingarda, gritou para os que se aproximavam em tumulto, acima, muito acima do vozerio:

— Quem for homem que se chegue pra cá e leva bala.

Levaram. Bala comeu feio. Muita.

Foram me chamar do outro lado, ainda naquela madrugada.

Amanheci na quarta-feira de cinzas em S. José. Meu prestígio de político contou mas a simpatia geral por aquele extraordinário Raimundinho e a admiração por sua coragem de macho é que re-

solveram tudo. Não o digo por modéstia, pois proclamo que deu trabalho. O Vigário fazia pressão contra o pecado de Rubem, mas terminou reconhecendo o pecador bastante punido. Apenas não o queria morando em S. José, onde o Patrício sacristão já lhe criava problemas, só não o mandando embora porque lhe era indispensável e depois não tinha culpa, pagava a desgraça de ter sido mutilado pulando cerca de talo de coco em menino. Alias Patricio, bastante ousado na opinião geral de S. José, sobretudo dos estudantes, estrangulou a hérnia na corrida geral que se seguiu aos primeiros tiros. Digo primeiras porque houve segundos e terceiros, e mais ainda, tiroteio brabo de que, entretanto, tirante Patrício, atingido indiretamente, apenas resultou ferido na testa, bala de raspão, o Cabo Etelvino, pessoa bastante desajeitada, um desastre como soldado embora barbeiro razoável. Zeca Inacio quebrara a perna, mas também na fuga em pânico. Conversei com o Padre, o Juiz, o Promotor, o Delegado, o Prefeito, paguei a operação de hérnia, fiz engessar o Zeca, Etelvino levava cinco pontos que exibiu glorioso, e arquivou-se o processo. Rubem não praticara atentado ao pudor: admiti-lo seria condenar as autoridades permissivas de S. Luis. A resistência de Raimundinho fora legítima: contra tentativa de invasão noturna de domicílio. Transpirava a navalhada: mas quem seria o autor? “Fica uma coisa pela outra, e não se fala mais nisso”, propus. Concordaram.

Encontrei Raimundinho na rede, na varanda. Dormia quieto. Os cabelos, já brancos, formavam uma estranha massa despenhada - como se fosse lã de carneiro velho e gordo, não dos criados em casa, lavados e tingidos e escovados, como o Brinquedo, que tanto lhe invejara em menino, vendo-o por cima do muro, a esperar por ele no quintal, solto e fiel debaixo das mangueiras, não lã assim fofa e azul mas pastosa e suja, a dos que vivem soltos e são apanhados para a morte... Acordei-o. Senti que gostara da solução, embora até certo ponto indiferente a ela: estava para o que desse e

viesses, dormira mal na cadeira de balanço, de espingarda no colo, esperando desde madrugada que voltassem depois do recuo.

— O infeliz está aí no quarto com Aparecida. Não quero nem ver. Mas em mana meu não se bate na minha frente! O Padre Adolfo tem razão: O melhor é mesmo ele voltar pro Rio, lá as pessoas são diferentes, aqui vai sofrer muito. Eu mesmo não tolero humilhação... Toma a bênção de mamãe, embarca. Pago a viagem de trem e navio, de caminhão ou de ônibus, até, se preciso, venda um lote de ovelhas para a passagem de avião. Só que nem me despeço dele.

Despediu-se. Aparecida convenceu-o, fê-lo entrar no quarto, onde ela própria vivia agora dia e noite, descuidada de si, mas bela e quanto!, até mesmo no desalinho. Relutante a princípio, Raimundinho passou a conversar longamente com o irmão, coisas do passado, histórias do Rio, uma saudade... Despediu-se, sim. Foi quando os vi de novo juntos e pela última vez. Despediu-se na varanda, ficou longo tempo encostado numa carnaúba do alpendre, espiando o grupo que se afastava e nele Rubem, que não olhou para trás. Mas não foi ao embarque. Fomos Dona Rosa, as filhas, eu e Aparecida, que chorou demais lá no aeroporto. Rubem beijou-a muito, chorou também: “Você é mais forte do que xavante”... Ela não entendeu, queria explicações, já chamavam os passageiros. Os dois como que estavam isolados do mundo. Seria amor? Repeli a idéia. Aquele coração não era dos corações em que cabem dois homens, o marido tomava-o inteiro. Fiquei supondo que a carne de Raimundinho e as asas de Rubem completavam um ser perfeito, e ela talvez tivesse a intuição disso, na sua humilde meiguice sem limites. Daí, quem sabe?, se Rubem a tivesse conhecido dez anos antes, numa rua do Rio, quando descia as ladeiras ainda intocado das marcas da vida, quem sabe nem mesmo a maldição de Tia Dulcinea tivesse prevalecido em seu destino? Mas isto são sonhos vaos,

e a morte agora já levou os dois manos, nunca mais vi Aparecida des de a morte do mari do, e talvez eu próprio, se a revisse agora, não a reconhecesse. Deve ter engordado, envelhecido. Faz tanto tempo... Pensando bem, eu é que a devia ter encontrado antes dele. Mas isto agora sim é que é mesmo um sonho de velho.

Maria Candida

Dona Dalva, minha madrinha, a senhora me dá hoje a maior alegria que pode haver, esta sua visita na minha, na nossa casa. Faz tantos anos de tudo! Por meu gosto me ajoelhava a seus pés para pedir a bênção como ainda vi gente fazer com pai e mãe nas brenhas da Madeira Cortada. Deus me ouviu que ninguém eu queria ver mais do que a senhora, minha Mãe morta e meu Pai sempre brigado, duro com duro não faz bom muro, vamos morrer um dia de repente sem nenhum dos dois ceder. Os irmãos? Nos damos muito bem mas sei que é difícil pra eles enfrentar a maldição do Papai, deixa pra lá, quando posso faço agrado a um sobrinho mas de nenhum deles nunca tive qualquer carinho espontâneo, vou compreendendo. Compreender não é a coisa mais importante da inteligência, ser livre e compreender? Pelo menos foi o que a senhora me ensinou, não só em palavras mas na vida, pela vida. Sua vida, minha Madrinha, me ensinou mais do que todos aqueles anos de Escola Normal, e os outros, as horas, as noites que passei com os livros. Olhe aqui, lhe digo, hoje sei inglês que nem a Joan, que viveu lá fora no meio deles tantos anos, nem ela me passa quinau, francês não se fala, meu francês não tem sotaque, mas foi a senhora que me ensinou a compreender e aceitar, a ser livre e procurar a justiça, isto é, me ensinou a lição maior da vida, com seu pé-de-anjo, suas plantas, suas brigas, suas sessões espíritas, os partos, os bichos, tudo. Não se zangue não, minha Madrinha, mas até quando contava os cocos de noite para não ser furtada você estava me ensinando, a gente tem de defender o que é seu, seus direitos, cumprir os deveres mas defender os direi- tos, e se não fosse assim eu tinha tido coragem de

fugir para o Seu Honório, fugir com a Seu Honório, enfrentar meu Pai e aquela gente toda, a começar pelo Padre Matias? Minha Mãe e a Senhora... Meu Deus!

Foi a coragem de vocês que me deu coragem. Eu bem sabia da reação do meu Pai. Não previa, não adivinhava: sabia. Quando houve o caso do famoso Pelado, que não tinha um cabelo no corpo e seduziu a filha do Coronel Joca do Brejão, ele foi dos mais exaltados, repetia sem cessar: “Moça branca se apaixonando por preto descendente de escravo? Não, não pode ser verdade... É mentira! Mentira! Deve ter si do estupro. Foi estupro! A pena é morte. Se o Joca não tem capanga, que me peça...” Eu era pequena mas me lembro da naturalidade com que se falava daquele horror todo, cada suplício pior imaginado, o pobre-diabo morrendo aos poucos, formiga, poço, fome, comer do próprio corpo, eu menina mandada sair da sala para exercerem a crueldade mental à vontade, Deus me perdoe mas acho que só minha Mãe teve pena... E ninguém admitia reparação pelo casamento, a família, mesmo se quisesse, não podia aceitar, ficaria desonrada, era castrar ou matar, a senhora sabe, ainda hoje é a regra no sertão, seja mata, chapada ou agreste.

No meu caso não foi desilusão de amor que me conduziu, minha Madrinha, não foi não, nada, nunca. Não tive outros amores, contrariados ou não. Nem eu estava para ficar no caritó, mal tinha feito vinte e cinco anos, que caritó é esse? A chave do Mosteiro se entrega quando se vira mesmo moça velha... Teve, é certo, o casa do juiz que foi passar uns tempos lá na fazenda, tomou banho no tanque, bebeu chocolate feito em casa de cacau escolhido no pé, tomou lei te de cuia no curral e garapa de flor de cana, provou coalhada escorrada e mel de teuba, as melhores frutas, bacuri, abrico-do-para, ata de gomo largo, e partiu um dia porque Papai não deixou o caça-dotes montar no seu próprio cavalo de sela, o Quebra-Ferro, a senhora se lembra. Mas nunca na- morei de ver-

dade, tirei umas linhas por desfastio, achava enjoado, já conhecia Seu Honório. Por Seu Honório sim, desde o começo me interessei. No principio acho que olhava para ele com curiosidade, preto passando de alfaiate a professor, músico e poeta... Curiosidade que me levou a estudar com ele, meu Pai não desconfiava de nada, para ele era apenas um capricho de moça rica, que tirara o primeiro lugar na Escola Normal, o curso todo, e já viajara uma vez sozinha pela Europa. Mas no terceiro dia de aula - terceiro? no segundo! – já eu não era mais eu...

Ah! minha Madrinha, quando fugimos, que paixão! Dei tudo o que tinha para a fuga, minha mãe ajudou, sei lá em que mãos foi, parar o dinheiro... Mas quando chegamos a Caxias nos amamos tanto na pensão que tivemos de passar azeite de coco da lamparina nos armadores para a rede rangedora não acordar os outros hospedes nos demais quartos, a casa era de telha vã, sem forro...

De Caxias viemos vindo, não de uma vez mas aos poucos, minha Mãe e a senhora ajudando, mas o pior foram os primeiros dias de São Luis. Foram difíceis demais! Tivemos de ficar encostados na casa de Dona Flora, aquela mulata costureira, tão bonita e afamada, no Largo do Carmo. Dormimos lá no sobrado. Comemos da mesa dela, era amiga de minha Mãe, desde Mamãe ainda menina já Dona Flora costurava para ela. Para as outras despesas, gastamos o dinheiro que Mamãe tinha arranjado às pressas, eu sabia que ela não podia mandar outra vez, meu Pai vigiava tudo.

Querem dizer que no Brasil não tem preconceito de cor. Sonhei um dia escrever um livro sobre o preconceito no Maranhão, aqui no Maranhão pelo menos tem, olha a história de Gonçalves Dias e o romance Mulato. Mas depois não tive coragem, amunhequei, parecia conversa em causa própria. Andei fazendo muita pes-

quisa. No Panteon o Antônio Henriques Leal conta que Pedro I perguntou ao Visconde de Alcântara se Odorico Mendes era mulato, ele se ofendeu, respondeu abespinhado. “Esse seu sobrinho é mulato?”, que indagou o Imperador. E o Visconde: “Nada disso. De uma das primeiras famílias da província.” Se não tivesse preconceito, não se zangava assim. E Odorico, basta ver o cabelo nos retratos, não podia negar a mulateza. Gonçalves Dias, esse, é porque no destina dele estava ser infeliz, foi infeliz porque o preconceito lhe negou no Maranhão a mão da moça branca Ana Amélia, infeliz porque a falta do preconceito lhe deu lá no Sul a mão de outra moça branca... Não têm preconceito... Eu queria ver a cara dessa gente quando um dia tiver um governador preto lá no Palácio dos Leões... Porque esse dia há de chegar... Por ora o mais que Seu Honório atingiu foi a Assembléia, e já foi até demais. . .

Os primeiros tempos foram difíceis, mas depois ele conheceu numa roda de bar o Nascimento Moraes, como a Senhora sabe também preto. O Nascimento simpatizou com ele e o botou no jornal como redator. As coisas, então, começaram a mudar. Foi feito professor do Liceu. Publicou o primeiro livro de versos. Caiu no goito.

E então vieram dias inesperados para meu orgulho feminino, ele saindo do jornal e mergulhando em cervejadas nas pensões do Desterro, chegando com cheiro de mulher da vida, puxado pra baixo... Terminei aceitando como Deus era servido, ajudando a tirar a roupa quando entrava em casa naquele estado... Pior foi depois do segundo livro. Já não eram as mulheres da zona, pobres raparigas mal-educadas, ignorantes e grosseiras, de linguagem sem assunto. Tive de empenhar toda a vaidade para competir com certas donas da sociedade, ricas de dinheiro e pobres de homem, e muita vez estava pesada, coisa mais desajeitada é carinho de mulher preta. . .

No começo era meio encabulado que deixava perceber cheiro

de outra mulher. Depois foi ficando cínico. Dizia: “A culpa é sua. Basta moça branca .olhar para mim, me deseja, quer saber o que tenho que fiz você sair escondida de casa, com risco de vida, para fugir comigo, enfrentar seu pai e o Padre Matias, não descansa enquanto não se entrega para ver como sou dotado, acha que preto é mais prendado do que sinhô branco. Mas não se incomode: as que fazem isso são umas infelizes, já pela curiosidade delas se vai vendo... E você sabe, provou mais de uma, em duas não fica. Eu é que devia resistir mas é como se estivesse vingando toda uma raça, séculos de oito e chicote, quando sinto uma pele branca, com perfume francês, debaixo de mim, querendo versos que prometo e não faço e carícias que não sei negar. Cabocla, mulata ou preta eu era capaz de resistir, mas sinhá dona, elas é que chamam, vou. E dai lhe confesso, meu bem, tenho curiosidade. Mas nenhuma me ensinou nada que você já não soubesse. “

A situação estava assim quando minha Mãe morreu. Soube por telegrama; mas veio também embaixada do Velho. Não tive coragem de ir ver, de me despedir do corpo, fugi, covarde, de enfrentar meu Pai... Ele foi correto, recebi herança, não houve briga de inventário, comprei as duas casas, moramos nesta, abri o colégio na outra. Hesitei muito, relutei antes de instalar o telefone aqui, nunca sabia se era do jornal mesmo, de algum colega boêmio ou de uma dessas sem-vergonhas o telefonema para ele. Cedi, mas às vezes me arrependo. Não consigo prender seu Honório à noite.

Minha Madrinha Dona Dalva, será o sangue de meu Pai que não me deixa falar por meias-tintas? Eu acho que é sua benção, acredito mais em benção de padrinho do que em sangue de pai. Não tenho papas na língua, não sei usar palavras de seda. Ele é um cínico, um sem-vergonha, me conta tudo, se demora nos detalhes como se quisesse me atormentar, me bater, mas lhe digo, minha Madrinha: moça donzela só a mim ele conheceu. Lençol ensopado

de sangue só o que a senhora mandou lavar escondido lá em São José. As outras eram todas uma pobres furadas, que ele provou sem amor, e já tinham si do dos mandos e dos outros. Digo também: nunca a iniciativa foi dele, ele jura mas não precisava jurar, eu sei. Ele é humilde, nem olha antes, nem é a primeiro a olhar. Tem muita desavergonhada por ai! Mas outra coisa garanto: filho só teve de mim, se mais não tive é porque a senhora me proibiu. E casar só comigo casou, só eu casei com ele, quando ele diz “quando me casei com Maria Cândida” não precisava acrescentar com quem, só casou uma vez, e casou com virgem. Somente eu, somente esta sua afilhada é que se ajoelhou nos pés do padre para receber junto com ele o sacramento. E não foi padre político como o Padre Matias, foi Monsenhor Frederico que estão no céu, era santo mesmo, a senhora sabe. Não quis casamento civil porque estou brigada com a hierarquia dos homens, mas a dos santos aceito, respeito e quero. Parece que sou humilde quando me curvo sem chorar às traições dele com essas donas. Tenho consolo nos meninos, nos meus e nos do colégio, que vai de vento em popa, já me da de novo independência, multiplicou a herança de Mamãe. Armo rede no quintal, à sombra das mangueiras... Mas não busco esse consola, não quero nem preciso de consola, no fundo sou orgulhosa. Dele quero (e tenho) amor, filhos e sonetos, as outras dão sexo e perfume, ainda saem perdendo na troca. Mas lhe digo, minha Madrinha, e se não minto a ninguém, par que havia de mentir para a senhora?, não foi só por orgulho que nunca olhei – o que se chama olhar – outro homem, mas também por amor, por essa idéia de que a verdadeira mulher é fiel. Não trai porque não mente, se não gosta larga mas não trai, o amor verdadeiro é total, sem mancha. Ele não é meu só, é meu e de muitas, mas eu, em compensação, eu sou somente dele... Nunca admiti sombra de pensamento de traí-lo, e não teria faltado ocasião numa cidade que já teve doutor andando de camionete com cama atrás... Nem quando chegamos e o vi lutando,

muitas vezes tão humilhado que tinha de beber para esquecer, e outras apenas bêbedo sem motivo, porque já adquirira o hábito. Nem quando, já ele com sucesso no jornal, na crônica diária, nos livros de versos, na política, começou a ronda das mulheres: eu é que tinha e tenho a manda. As outras são dele e do mundo; ele é delas também, mas foi e é primeiro meu, que sou dele só. Sim, eu – apenas eu – sou dele somente, somente dele. E lhe digo, minha Madrinha, os meninos estão crescidos, os mais velhos na Universidade, mas se a gente voltasse a Caxias, e pudesse se amar de novo, era de novo preciso botar azeite nas escapulas... Para a senhora não minto. Meu preto me ama. Sou feliz.

(E então, de repente, de certo cansada do esforço e comovida pela confiança, Maria Cândida se atirou nos braços da madrinha, chorando, chorando...)